



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED
Programa de Pós-Graduação *Latu Sensu*

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM E PARA OS DIREITOS
HUMANOS, NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE CULTURAL**

**A ESCOLARIZAÇÃO DA CAPOEIRA COMO INDUTORA DA
EDUCAÇÃO EM E PARA OS DIREITOS HUMANOS**

ÓSCAR CURROS MOURE

ORIENTADORA: PROF^a DR^a MARISTELA ROSSATO

BRASÍLIA

2015

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED
Programa de Pós-Graduação *Latu Sensu*

ÓSCAR CURROS MOURE

**A ESCOLARIZAÇÃO DA CAPOEIRA COMO INDUTORA
DA EDUCAÇÃO EM E PARA OS DIREITOS HUMANOS**

Monografia apresentada ao Curso de
Especialização em Educação em e para os Direitos
Humanos, no contexto da Diversidade Cultural, do
Departamento de Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano – PED do Instituto de
Psicologia – IP da Universidade de Brasília – UnB

Orientadora: Prof^a Dr^a Maristela Rossato

BRASÍLIA

2015

TERMO DE APROVAÇÃO

ÓSCAR CURROS MOURE

**A EDUCAÇÃO EM E PARA OS DIREITOS HUMANOS
COMO INDUTORA DA ESCOLARIZAÇÃO DA CAPOEIRA**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do
Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no Contexto da
Diversidade Cultural – EEDH

Apresentação ocorrida em 12/12/2015

Aprovada pela banca formada pelos

professores:

PROF^a DR^a MARISTELA ROSSATO (Orientadora)

PROF^a DR^a LÚCIA HELENA PULINO (Examinador)

- ÓSCAR CURROS MOURE (Cursista)

BRASÍLIA

2015

DEDICATÓRIA

A Deus

A todos os capoeiristas que lutam por um mundo melhor

Ao Mestre Dionizio, educador, guerreiro e artista da capoeira

A Lilian Pires, Elias Gonzales e família, exemplos de compromisso com a cultura negra, a defesa dos direitos humanos e a diversidade

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de aperfeiçoamento pessoal, acadêmico e profissional.

À minha esposa, Fernanda Luiza Duarte, que não apenas me sugeriu fazer esta especialização, mas me deu amor e suporte constantes do começo das aulas à apresentação da monografia.

Aos meus pais, Manuel e Azucena, meu irmão Alberto e minha filha Sophie pelo apoio incondicional na vida, no trabalho e nos estudos.

À professora Maristela Rossato, por seu profissionalismo como orientadora, pela precisão dos seus comentários e generosidade das suas sugestões.

Ao professor Francisco Lopes de Sousa, pelo incentivo a transformar a teoria estudada em projeto de pesquisa-intervenção.

À minha tutora, Arij Chabrawi, que fez valiosos comentários sobre as tarefas dos módulos e conduziu os debates virtuais da Turma 9 com dedicação, tornando-os instigadores para quem neles participou.

A Clerismar Aparecido Longo, pelas orientações relativas a questões administrativas do curso.

A todas as pessoas com quem compartilhei este percurso formativo, já fosse em encontros presenciais, na plataforma virtual da universidade ou nas mídias sociais.

Aos idealizadores, coordenadores, pessoal administrativo, docentes da Universidade de Brasília que tornaram realidade este projeto de ensino aprendizagem.

À diretora do centro educacional onde o Centro Cultural Arte Luta N'golo Capoeira desenvolve suas principais atividades, pela disponibilidade para fornecer informações sobre o planejamento político-pedagógico do centro, necessárias para o planejamento da monografia.

Aos docentes que atenderam meu pedido de realização do grupo focal, tornando possível o desenvolvimento do processo de pesquisa-intervenção.

RESUMO

O presente projeto de pesquisa-intervenção visa estimular os docentes de capoeira a promoverem a escolarização da mesma como indutora da educação em e para os direitos humanos. Desenvolve-se por meio de técnicas qualitativas, com envolvimento dos docentes, para empoderá-los como agentes de mudança. Considera-se que a capoeira, usada como instrumento incentivador da educação em e para os direitos humanos, tem potencial para contribuir à promoção da equidade de gênero, o desenvolvimento da cidadania planetária e a realização de projetos de pesquisa-intervenção. Diante desse potencial de transformação, a escola, que historicamente apresentou resistência à capoeira, vai deixando entrar essa prática em seus espaços. Em muitos casos, como atividade extracurricular, ou de forma indireta, mas abrindo brechas que podem ser aproveitadas pelos docentes de capoeira para incentivar sua inserção nos planos político-pedagógicos das escolas.

Palavras-chave: Capoeira Escolar. Educação. Direitos Humanos. Diversidade Cultural.
Cidadania Planetária

RESUMEN

El presente proyecto de investigación-intervención tiene por objetivo estimular a los docentes de capoeira a que promuevan la escolarización de la misma, como inductora de la educación en y para los derechos humanos. Se desarrolla por medio de técnicas cualitativas, que involucran a los docentes, para empoderarlos como agentes de cambio. Se considera que la capoeira, usada como instrumento incentivador de la educación en y para para los derechos humanos, tienen potencial para contribuir a la promoción de la equidad de género, el desarrollo de la ciudadanía planetaria y la realización de proyectos de investigación-intervención. Ante este potencial de transformación, la escuela, que históricamente presentó resistencia a la capoeira, va dejando entrar esa práctica en sus espacios. En muchos casos, como actividad extracurricular, o de forma indirecta, pero abriendo brechas que los docentes pueden aprovechar para incentivar su inserción en los planes político-pedagógicos de las escuelas.

Palabras clave: Capoeira Escolar. Educación. Derechos Humanos. Diversidad Cultural.
Ciudadanía Planetaria

SUMÁRIO

1 Problematização	10-11
2 Justificativa	12-14
3 Objetivos	15
3.1 Objetivo geral	15
3.2 Objetivos específicos	15
4 Fundamentação teórica	16
4.1 História da capoeira no contexto da cultura afro-brasileira	16-18
4.2 A capoeira escolar	19-20
4.2.1 Avanços na legislação sobre a cultura e a história afro-brasileiras na educação	20-21
4.3 Educar em e para os direitos humanos	21-24
4.3.1 Gênero	24
4.3.2 Cidadania planetária	25
5 Campo de intervenção	26
5.1 Localização e contexto sociocultural a que atende	26
5.2 Função social, níveis e modalidades de ensino, número de funcionários, espaço físico	27-29
5.3 Aspectos culturais relevantes, projetos pedagógicos desenvolvidos	29-35
5.4 Sujeitos envolvidos na pesquisa	35
6 Ações desenvolvidas na proposta de intervenção: descrição, análise e discussão	36
6.1 Visões da história da capoeira no contexto da cultura afro-brasileira	37-38
6.2 A escolarização da capoeira	39-40
6.3 Desafios da educação em e para os direitos humanos	40-41
6.3.1 O novo papel da mulher na roda	41-42
6.3.2 A cidadania planetária no cotidiano	42-43
6.4 Outras dimensões da capoeira	43
6.5 Projetos em andamento	44
6.6 Produção, junto com os docentes, de propostas para fomentar inclusão da temática no plano curricular	44-45

7 Considerações finais	46-47
Referências	48-51
Apêndice	52-53
Anexos	54-55

1 PROBLEMATIZAÇÃO

A capoeira é uma combinação de arte e luta criada como meio de resistência à opressão social, econômica e cultural. No Brasil das senzalas, no período colonial, os praticantes eram sobretudo escravos negros, de origem africana, que disfarçavam a capoeira como dança, com gestos angoleiros, que fluíam, enredando-se e desenredando-se, para esconder o potencial de luta. Foi com mandinga¹ que a capoeira continuou sendo praticada e sobreviveu às diversas perseguições e proibições que sofreu no país.

Já no Brasil contemporâneo, embora os praticantes sejam mais diversos e a capoeira aconteça em um contexto democrático, a sociedade ainda conserva alguns traços do seu passado escravagista. A sanção da Lei Áurea, em 1888, marcou a abolição oficial da escravidão no país, mas ainda há lutas em aberto contra práticas análogas à escravidão (OLIVIERI, 2005a, 2005b). Em 20 anos, 48.720 trabalhadores foram resgatados desse tipo de exploração, de acordo com dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) citados por Peduzzi (2015). Desse passado derivam também as desigualdades de gênero e raça registradas em livro publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), organizado por Bonetti e Abreu (2011). Portanto, a escravidão perdura não apenas como memória.

Este histórico de desigualdade socioeconômica está na raiz da desvalorização da cultura afro-brasileira, de forma geral, e da capoeira, em particular, e explica a resistência às mesmas por parte do sistema educativo brasileiro, principalmente no âmbito formal.

No entanto, nas últimas décadas houve avanços na legislação². Mesmo após as recentes mudanças, a capoeira ainda é vista como uma atividade a ser trabalhada no âmbito extraescolar e de caráter principalmente esportivo, mas ela tem um potencial educativo maior, que a sua escolarização poderia contribuir a desenvolver. Com relação a esse fim, o presente projeto de pesquisa-intervenção formula a seguinte pergunta: Como estimular os docentes de capoeira a promoverem a escolarização da mesma, defendendo seu potencial como indutora de práticas educativas em e para os direitos humanos?

¹ De forma geral, este termo significa feitiço. No entanto, na capoeira, de forma geral, utiliza-se o termo “mandinga” para referir-se à habilidade de resolver algumas situações de forma esperta, com um pouco de malícia.

² Os avanços na legislação sobre a cultura e a história afro-brasileiras na educação serão elencados e analisados no item 4.2.1.

As respostas a essa questão são procuradas por meio de técnicas qualitativas, com participação de docentes de capoeira, para que eles mesmos contribuam à construção de subsídios para discutir e promover a inserção da mesma, como manifestação da cultura afro-brasileira e prática educativa emancipadora, nos projetos político-pedagógicos (PPPs) dos centros educacionais onde atuam.

2 JUSTIFICATIVA

Por seu caráter emancipador e seu histórico de resistência, a capoeira tem um papel significativo a desempenhar como meio de educação em direitos humanos, tanto no Brasil quanto no cenário internacional. Também traz uma grande contribuição para a preservação da identidade cultural afro-brasileira, sendo considerada a maior embaixadora da língua portuguesa no mundo. Por isso, pode ser usada para trabalhar eixos transversais como igualdade, diversidade, gênero, meio ambiente e violência simbólica em centros educacionais das mais diversas naturezas, do ensino fundamental ao superior.

No cenário internacional, a inscrição da roda de capoeira na Lista Representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade foi anunciada em 25 de novembro de 2014 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Este reconhecimento tem especial relevância por partir da ONU, entidade que, no seu conjunto, é responsável pela proclamação dos principais instrumentos internacionais de direitos humanos de 1948 – data de publicação da Declaração Universal dos Direitos Humanos – até hoje. Em nota informativa, a organização recolhe depoimento da representante adjunta do escritório da Unesco no Brasil, Marlova Jovchelovich Noletto, para quem o título visa não apenas promoção, mas também estímulo à adoção de políticas públicas de salvaguarda e sustentabilidade (CAPOEIRA, 2014).

Com ocasião do reconhecimento internacional, em notícia veiculada no portal do Ministério da Cultura do Brasil, a presidenta do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Jurema Machado, lista os compromissos assumidos pelo Governo para salvaguarda da capoeira, que incluem não apenas a sua promoção, mas também a valorização dos mestres, em tríplice vertente: inserção no mercado de trabalho, preservação das características identitárias da capoeira e formação de redes. Cita ainda a cooperação e a transmissão de conhecimento (RODA, 2014).

O Ministério da Cultura e o Iphan, no período 2006-2007, coordenaram os esforços de defesa do valor da capoeira – primeiro no Brasil e depois no cenário internacional, para obter o título da Unesco citado acima. O Iphan recolheu os resultados desse trabalho em um dossiê, no qual inventaria a capoeira para seu registro e salvaguarda e afirma ter chegado o “momento oportuno” para o Estado brasileiro fazer o reconhecimento dessa manifestação cultural (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2007, p. 105).

Em 15 de julho de 2008, o instituto registra a capoeira como Bem Cultural de Natureza Imaterial. Esse registro, como instrumento legal, é o que permite o desenvolvimento de projetos para sua preservação e continuidade (CAPOEIRA, 2008).

Houve, também, um reconhecimento da importância dos “velhos mestres” – alguns deles, ainda vivos –, que contrasta com a criminalização da capoeira até o fim da década de 1930, conforme aponta Décimo (2008). Ainda hoje, o conhecimento transmitido, ao vivo, por professores e mestres de capoeira é fundamental para poder compreender essa manifestação. Por isso, vamos resumir nossa própria trajetória na capoeira³, elencando alguns dos docentes que nos permitiram conhecer os fundamentos da mesma. A nossa aproximação produziu-se sobretudo, por meio da fotografia. Dessa observação, nasceram o envolvimento e a participação nos treinos e rodas de capoeira, conforme relatado no blog Vivendo na esportiva .com (CURROS, 2014).

No fim de 2011, começamos a fazer registros fotográficos das raízes africanas preservadas pela Associação Cultural Filhos de Ilunga (ACFI) em Jahu (SP). O primeiro contato produziu-se em uma oficina de percussão gratuita e aberta ao público, organizada pela ACFI no contexto do Mês da Consciência Negra. À época, a vigência da Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003) foi fundamental para que eventos como este fossem inclusos na programação cultural da cidade.

A partir de aquele trabalho, nasceu a ideia de realizar uma apresentação sobre a cultura afro-brasileira na cidade. Para materializá-la, procuramos a parceria da ACFI, da produtora e apresentadora de TV Adriana Roveroni e da Secretaria de Cultura de Jahu. Também houve colaboração de empresas e de organizações do Terceiro Setor. A ideia foi materializada como um evento que reuniu diversas manifestações culturais. Realizado em 31 de outubro de 2012, serviu como abertura do Mês da Consciência Negra e aconteceu na Galeria Henrique Pacheco de Almeida Prado, em Jahu. Lá foi inaugurada, na ocasião, uma exposição fotográfica de nossa autoria, intitulada África em Jahu, que permaneceu na galeria até 16 de novembro de aquele ano. A mostra, com olhar documental, partia das raízes no candomblé, passava pelas artes plásticas e concluía com a música e a dança (CURROS, 2012). Esses substratos culturais têm uma relação intrínseca com os fundamentos da capoeira⁴, embora ela não fosse retratada nas

³ Vide o item 6 para uma discussão sobre a subjetividade e a participação na pesquisa em ciências humanas.

⁴ Os elementos tomados da religião, de forma geral, estão presentes na capoeira com valor cultural, simbólico. Um exemplo, referente ao sistema de graduação do Mestre Zulu, é desenvolvido no item 5.3.

imagens. A capoeira, no entanto, esteve presente no evento, ao vivo, graças à colaboração de vários grupos da cidade. O público teve contato, ainda, com outras manifestações culturais de raiz afro-brasileira: culinária, literatura, pintura, moda, música, dança, canto etc.

O evento acima despertou o nosso interesse pela capoeira. Por isso, logo após sua realização, procuramos o Mestre Nilson e começamos a frequentar suas aulas, na academia Bantus. Na sequência, participamos de um projeto da Graduada Lilian⁵, que tinha caráter aberto e gratuito e visava difusão da capoeira. Em novembro de 2013, mudamos para Brasília, onde conhecemos outra iniciativa aberta e gratuita, o Centro Cultural Arte Luta N'golo Capoeira. Lá, passamos um ano treinando com o Mestre Dionizio, fomos batizados e ganhamos a corda azul, a primeira no sistema de graduação do grupo, que confere ao praticante o grau de aluno (CURROS, 2014).

Em dezembro de 2013, acompanhamos a participação do N'golo Capoeira no Fórum Mundial dos Direitos Humanos (FMDH), realizado em Brasília (CURROS, 2014). A experiência motivou a nossa inscrição no Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no Contexto da Diversidade Cultural, para o qual desenvolvemos o presente projeto de pesquisa-intervenção.

⁵ Lilian Pires, que também era diretora cultural da ACFI à época.

3 OBJETIVOS DE PESQUISA

3.1 Objetivo geral

Estimular os docentes de capoeira a promoverem a escolarização da mesma como indutora da educação em e para os direitos humanos.

3.2 Objetivos específicos

- Discutir alguns dos principais eixos transversais da educação em e para os direitos humanos: racismo, diversidade, gênero, meio ambiente etc.
- Produzir, junto com os docentes, propostas para fomentar a inclusão da temática nos projetos político-pedagógicos das escolas.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Começamos nosso estudo discutindo a evolução da capoeira ao longo da história, no contexto da cultura afro-brasileira. Ao chegar à época contemporânea, analisamos a produção teórica sobre capoeira escolar⁶ e elencamos alguns dos principais avanços legislativos das últimas décadas, com especial atenção às menções à cultura afro-brasileira no âmbito da educação. A partir desta perspectiva, analisamos o conceito de educação em e para os direitos humanos e argumentamos como a capoeira pode ser indutora dessa modalidade educativa. Exemplificamos esse potencial com os eixos transversais gênero e cidadania planetária⁷.

4.1 História da capoeira no contexto da cultura afro-brasileira

Não há consenso, entre os especialistas, sobre a evolução histórica da capoeira. Em grande medida, porque foi proibida em várias épocas, sendo os praticantes perseguidos e castigados – o que gerou a necessidade de ocultar ou disfarçar a prática. Por outro lado, na transmissão desta tradição afro-brasileira, o ritual da roda e a oralidade têm uma importância crucial, muitas vezes em ambientes informais; por isso, nem sempre há registros documentais de momentos-chave da evolução da mesma. Esse estado da arte foi o que levou o Iphan (2007) a criar o dossiê para registro e salvaguarda da capoeira⁸, que será a nossa referência fundamental quanto a aspectos históricos.

O surgimento das primeiras manifestações da capoeira está entre as questões mais polêmicas. O Iphan (2007, p. 10) resume em três os principais mitos fundacionais, a saber: “1- A capoeira nasceu na África Central e foi trazida intacta por africanos escravizados. 2- A capoeira é criação de escravos quilombolas no Brasil. 3- A capoeira é criação dos índios, daí a origem do vocábulo que nomeia o jogo”. Muitas discussões sobre as origens da capoeira argumentam a favor de alguma das duas primeiras hipóteses. Já a defesa da terceira é menos comum.

⁶ Este termo será discutido e analisado novamente na epígrafe 6, correspondente às ações interventivas, diante da resposta de um dos docentes que participaram no grupo focal.

⁷ As possibilidades de enumeração de eixos transversais são muito amplas. No entanto, para respeitar os limites do presente trabalho, destacamos apenas os dois citados, por sua relevância para o estudo realizado, já que são aspectos importantes para a rotina do Centro Cultural N’golo Capoeira. Recomendamos revisar os principais eixos temáticos que estejam sendo trabalhados por cada centro educativo para otimizar a conexão entre os conteúdos trabalhados nas aulas de capoeira e o projeto político-pedagógico específico.

⁸ Os motivos que levaram à criação do dossiê estão recolhidos na epígrafe 2 deste trabalho.

Diante da incerteza, a ponderação abaixo é especialmente relevante, pois considera tanto a raiz africana quanto as contribuições brasileiras:

Embora estudos recentes tenham comprovado a existência de danças guerreiras similares à capoeira, não apenas na África Central, mas em outros países que fizeram parte da diáspora negra (a ladja da Martinica é uma delas), não se pode negar que as culturas são construídas a partir das influências que as cercam, o que gera tanto rupturas quanto continuidades. Portanto, além da comprovação da raiz africana, é preciso reconhecer as mudanças e contribuições que ocorreram em solo brasileiro (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2007, p. 11).

Atualmente, muitos grupos de capoeira recorrem à ancestralidade africana para construir suas identidades, resgatando elementos da história do negro, sem deixar de reconhecer os aportes brasileiros⁹. Também não deve ser esquecida a hipótese da influência indígena.

A complexidade deste marco deve ser considerada à hora de estudar a história da capoeira, pois envolve várias culturas, interligadas ou coexistentes. Também é necessário pensar os conceitos de diferença, identidade e subjetividade, que estão inter-relacionados. Qualquer um deles não existe sem os outros e a modificação de um impacta o resto.

Para que haja diferença, é necessário que exista uma identidade. Se não existissem as identidades, não existiriam pontos de comparação para estabelecer diferenças. Por outro lado, a existência de identidades depende de subjetividades. Alguém tem uma identidade determinada porque se sente, ao mesmo tempo, pertencente a uma categoria. Este sujeito com identidade X pode posicionar-se no mundo como diferente do sujeito ou do grupo Y. A capoeira nasceu da diferença. Os escravos eram tratados como diferentes. Tanto, que eram segregados às senzalas enquanto seus donos ficavam na casa grande. A identidade, para o escravo, era a de um ser humano inferior ou, muitas vezes, a de um ser inferior ao humano. Isto marcava a sua subjetividade e chegava a tirar a sua condição de sujeito, mesmo para si próprio.

Diante da situação de opressão, foi desenvolvida a capoeira como forma de resistência. A sua força residia no fato de ter se tornado uma prática cultural, que permitia ao indivíduo sair do isolamento para interagir com diversos grupos. Esse poder integrador permitiu sua expansão pelo território brasileiro – e, posteriormente, pelo mundo.

⁹ Retomaremos a análise da ancestralidade africana no item 5.3, ao estudar os aspectos culturais relevantes a serem considerados no campo de intervenção, concretamente a origem do nome do Centro Cultural N'golo Capoeira, no qual realizamos a nossa pesquisa-intervenção.

Essa cultura contra-hegemônica criou uma identidade entre os praticantes, a de capoeiras ou capoeiristas, que se sobrepôs à identidade – ou, talvez, não-identidade – de escravos e modificou profundamente o aspecto subjetivo. Nasceram sujeitos donos de si e capazes de enfrentar o destino imposto.

Os conceitos analisados devem, portanto, ser entendidos da perspectiva cultural. Qualquer prática emancipatória relacionada com a capoeira precisa considerar essa dimensão para ser bem-sucedida.

O processo de descriminalização e nacionalização da capoeira começou em 1937, ano de criação do Estado Novo, quando o Mestre Bimba, fundador da capoeira regional, concebida como “arte marcial brasileira”, recebeu autorização para ensinar em seu Centro de Cultura Física e Capoeira Regional. Já o Mestre Pastinha, defensor da ancestralidade africana da prática, articulou o Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA), que, na década de 1940, foi rebatizado como Academia do Mestre Pastinha (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2007, p. 40-41).

Na primeira metade do S. XX, os Mestres Bimba e Pastinha levaram suas respectivas formas de jogar capoeira para outros estados do Brasil. Na segunda metade desse século, a capoeira passou por uma fase de esportização e folclorização e começou sua projeção global, que a levaria a ser praticada em mais de 150 países (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2007: 41-51).

Assunção (2013) destaca a importância dessas academias precursoras para o desenvolvimento da capoeira:

A capoeira, apesar da repressão que seus praticantes sofreram durante a Primeira República, foi celebrada por intelectuais brasileiros desde o final do século XIX como o único esporte genuinamente nacional. Graças à ação de alguns indivíduos extraordinários, como os mestres Bimba e Pastinha, desenvolveram-se a partir da década de 1930 dois estilos modernos de capoeira, a “regional” e a “angola”, que seguem sendo a referência básica dos estilos contemporâneos. Para compreender esses processos de modernização é preciso não apenas os situar no contexto do Brasil, mas também relacioná-los com processos modernizantes mais globais, que tiveram significativo impacto no país (ASSUNÇÃO, 2013, p.2).

Hoje em dia, os estilos tradicionais – regional e angola – convivem com a capoeira contemporânea, que está em constante evolução. O estilo predominante dependerá de cada grupo, que optará por seguir uma determinada tradição ou inovar.

4.2 A capoeira escolar

Na atualidade, a capoeira já conseguiu conquistar espaço nas escolas. Nesse âmbito, Campos (2001) afirma que a sua riqueza está na diversidade de perspectivas sobre ela. O autor, conhecido no mundo da capoeira como Mestre Xaréu, enumera as seguintes concepções e práticas: luta, dança e arte, folclore, esporte, educação, lazer e filosofia de vida. Por sua relevância para o presente trabalho, destacamos a dimensão educativa da capoeira:

[...] um elemento importantíssimo para a formação integral do aluno, desenvolvendo o físico, o caráter, a personalidade, e influenciando nas mudanças de comportamento. Proporciona, ainda, um auto-conhecimento¹⁰ e uma análise crítica das suas potencialidade (sic) e limites. Na educação especial, a Capoeira encontra campo frutífero junto aos deficientes e excepcionais (CAMPOS 2001, p. 23-24).

No entanto, o pesquisador defende a adoção de um método de ensino global, que apresente todas as formas da capoeira para o educando e deixe que este busque sua identificação. Considera relevante o papel do professor, a quem cabe orientar e estimular “para que o aluno possa aproveitar ao máximo toda a sua potencialidade” (CAMPOS 2001, p. 24).

Esta é também a postura do Iphan na página do portal da entidade que registra o parecer da Unesco reconhecendo a Roda de Capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade e apresenta seu dossiê para sua preservação:

A capoeira é uma manifestação cultural que se caracteriza por sua multidimensionalidade – é ao mesmo tempo dança, luta e jogo. Dessa forma, mantém ligações com práticas de sociedades tradicionais, nas quais não havia a separação das habilidades nas suas celebrações, característica inerente à sociedade moderna. Ainda que alguns praticantes priorizem ora sua face cultural, seus aspectos musicais e rituais, ora sua face esportiva, a luta e a ginástica corporal, a dimensão múltipla não é deixada de lado. Em todas as práticas atuais de capoeira, permanecem coexistindo a orquestração musical, a dança, os golpes, o jogo, embora o enfoque dado se diferencie de acordo com a singularidade de cada vertente, mestre ou grupo (IPHAN, 2007, p. 11).

Voltando à trajetória de Campos, as pesquisas desse autor são analisadas por Boaventura (2009)¹¹, que sintetiza o problema central nestas palavras: “Saber como a Capoeira, uma atividade marginalizada pela sociedade brasileira por ser oriunda de uma classe escravizada, conquistou o espaço universitário, considerado nobre, conservador e frequentado pela elite produtora do conhecimento científico” (BOAVENTURA, 2009, p. 243).

¹⁰ Respeitamos a norma ortográfica da época na qual foi escrito o texto.

¹¹ Concretamente, Boaventura foca seu estudo no livro Capoeira na universidade – uma trajetória de resistência.

A “resistência institucional” das universidades é mencionada por Nóbrega (2010):

Não no sentido de aversão, mas ao dar privilégio a discussões que se pautem a trabalhar o “direito pelo direito”, em detrimento de outras construções sócio-jurídicas. [...] há a necessidade do diálogo entre o direito e “outros” campos do saber científico, saberes, práticas, grupos ou sujeitos sociais, que nos estimulem a percorrer novos caminhos e que nos ajudem a perceber a incomensurabilidade destas articulações (NÓBREGA, 2010, p. 12).

Para ilustrar essas considerações, Nóbrega (2010) cita o Mestre Pastinha, que fala da brecha entre a cultura e a sensibilidade do capoeirista pouco letrado e as do indivíduo erudito – pois o primeiro diz perceber nuances que muitas vezes o segundo não sente. Esse é um desafio que o pesquisador deve enfrentar ainda hoje, pois ainda há uma boa parte do conhecimento em torno da capoeira que não foi codificado em pesquisas formais e não está registrado por escrito. Por outro lado, a cultura letrada, particularmente a universitária, usa instrumentos de pesquisa que nem sempre conseguem captar as nuances da capoeira tradicional, além de apresentar exigências técnicas específicas, tais como o uso da norma culta do português e as normas ABNT, com as quais não todos os docentes de capoeira estão familiarizados.

4.2.1 Avanços na legislação sobre a cultura e a história afro-brasileiras na educação

A persistência do pré-conceito no Brasil levou à sanção da Lei nº 12.288/2010, que, institui o Estatuto da Igualdade Racial (BRASIL, 2010). Nela é reconhecida, de forma explícita, a atividade de capoeirista “em todas as modalidades em que a capoeira se manifesta, seja como esporte, luta, dança ou música”, e faculta os “capoeiristas e mestres tradicionais” a ensiná-la nas instituições públicas e privadas. No entanto, tal reconhecimento é feito na seção IV do capítulo II, “Do Esporte e Lazer”. Além dela, a norma só menciona a capoeira de forma explícita na seção anterior do mesmo capítulo, a III, “Da cultura”, que garante o registro e proteção da capoeira por parte do poder público, nos termos do art. 216 da Constituição Federal (BRASIL, 1988), referente ao patrimônio cultural brasileiro.

Ainda dentro do capítulo II, na seção II, “Da educação”, que trata do currículo escolar, o termo capoeira não é mencionado. Estabelece-se que “os conteúdos referentes à história da população negra no Brasil serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar”, regulamenta-se a participação, em “datas comemorativas de caráter cívico” de “intelectuais e representantes do movimento negro para debater com os estudantes suas vivências relativas ao tema em comemoração” e fomenta-se a elaboração de material didático, dentre outras disposições (BRASIL, 2010).

Como precedente, a Lei nº 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases– LDB 9.394/96, inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", mas também não faz menção explícita à capoeira, somente à “luta dos negros no Brasil”, no § 1º do art. 26-A, e estabelece o 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’ no calendário escolar (BRASIL, 2003). A norma foi alterada pela Lei nº 11.645, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura AfroBrasileira e Indígena” (BRASIL, 2008).

Já alguns materiais didáticos (BRASIL, 2014) desenvolvidos após a sanção da lei que institui o Estatuto da Igualdade Racial (BRASIL, 2010) contemplam a capoeira. No entanto, caberá aos centros educacionais definir em seus planejamentos político-pedagógicos como trabalhar esses materiais e se a capoeira será ou não mencionada de forma explícita no currículo.

4.3 Educar em e para os direitos humanos

Antes de definir o conceito de educação em direitos humanos, é importante notar que, ao longo do presente curso de especialização, o termo usado foi “educação em e para os direitos humanos”. O uso da preposição “para” indica uma dimensão teleológica – isto é, de finalidade. Trata-se de capacitar um grupo determinado para poder defender seus próprios direitos. Já a preposição “em” aponta para uma formação voltada para uma área de conhecimento específica – neste caso, a dos direitos humanos. Embora a preferência tenha sido pelo uso das duas preposições combinadas, para ressaltar a importância de combinar teoria e aplicação prática, muitos autores referem-se ao conceito como educação em direitos humanos (EDH). Este será o termo analisado ao longo dos próximos parágrafos.

A perspectiva pioneira vem do chileno Abraham Magendzo, que liderou um esforço por articular o pensamento ibero-americano sobre EDH. Com essa finalidade, convidou pesquisadores em direitos humanos da região a elaborar monografias sobre a EDH em seus respectivos países. Reuniu 11 trabalhos, dos quais compilou as ideias-força convergentes, explicando que não se tratava de homogeneizar, mas sim de estruturar um pensamento unitário (MAGENDZO, 2009). Seguem alguns dos principais trechos que resumem cada uma das ideias-força sobre EDH:

- **Uma educação contextualizada.** Os contextos são determinantes para o surgimento e o desenvolvimento das ideias-força e do pensamento da educação em direitos humanos. São o resultado das múltiplas inter-relações com as formas variadas do meio e as vicissitudes políticas, sociais, culturais e econômicas que os países confrontam. [...]

- **Uma educação construtora de democracia.** Uma ideia que está presente na totalidade das Monografias é a inter-relação que se estabelece entre a democracia, os direitos humanos e a educação em direitos humanos. [...]

- **Uma educação político transformadora.** A relação entre a política – em suas diversas acepções e expressões – o Estado e a educação em direitos humanos é um tema recorrente na totalidade das Monografias. Não poderia ser diferente, pois a educação em direitos humanos, em seu propósito último, é educação política, dado que tenta formar pessoas comprometidas com a transformação da sociedade, em uma mais justa e igualitária, na qual os direitos humanos sejam parte integral da cultura cidadã. [...] Por sua parte, à sociedade civil e às Organizações Não-Governamentais corresponde, sobretudo, mas não exclusivamente, a educação em direitos humanos no setor não formal, da educação popular, da educação dentro dos movimentos sociais, onde se iniciou a educação em direitos humanos sob influência de Paulo Freire. [...]

- **Uma educação integral-holística.** A visão integral-holística dos direitos humanos é considerada como plataforma pedagógica na totalidade das Monografias. No entanto, vale destacar que esta perspectiva integral não esteve presente do começo do movimento da educação em direitos humanos. Despejadas as ditaduras, a preocupação primordial eram os direitos civis e políticos de um olhar normativo-jurídico. Predominava um discurso racional e fracionado sobre educação em direitos humanos, sem que se instalasse ainda decididamente a noção de que os direitos humanos deviam fazer parte da vida cotidiana com caráter sistêmico, vivencial e ético. [...] No Decênio das Nações Unidas para a Educação na esfera dos direitos humanos (1995-2000), estabeleceu-se que esta teria uma visão holística. [...] Na América Latina, a postura holística alcança sua plenitude discursiva-teórica no século XXI, mas ainda não tem uma ampla manifestação no trabalho docente, nas instituições educativas e nas salas de aula. [...]

- **Uma educação ético-valórica.** [...] a Declaração Universal dos Direitos Humanos, ao sustentar como premissa fundamental que todos os seres humanos, homens e mulheres, nascem livres e iguais em dignidade e direitos e devem comportar-se fraternalmente uns com os outros, está consagrando valores centrais de uma educação em valores. [...] A experiência traumática que nossas sociedades atravessaram sob regimes ditatoriais nos quais a violação dos direitos humanos constituiu uma política institucionalizada do Estado interpela-nos a fazer *da democracia um valor supremo*. [...]

- **Uma educação construtora de paz.** [...] A relação entre a educação para a paz e os direitos humanos é interdependente, dado que a violência em qualquer uma de suas manifestações é o espaço propício para a violação dos direitos humanos. [...]

- **Uma educação construtora de sujeito de direito.** [...] A emergência do sujeito de direitos não é o resultado espontâneo ou a consequência direta de uma causa, mas o produto de numerosas interações com os Outros/Outras e com seu meio. O sujeito de direitos faz-se no estar no mundo, mas não como um ser passivo, senão como um que reflete, sente e se expressa em e desde sua própria subjetividade cotidiana, no fluxo das suas relações e no seu contexto. A pessoa torna-se sujeito de direito na própria prática cotidiana dos direitos humanos. [...]

- **Nas decisões curriculares e pedagógicas.** As monografias mencionam o currículo e a pedagogia referida à educação em direitos humanos, na qual se incluem, implícita ou explicitamente, uma diversidade de ideias-força. Não poderia ser de outra forma, pois em toda decisão curricular e pedagógica existe uma determinada conceição e pensamento que as orienta. [...] É preciso fazer notar, como o fazem diversas Monografias, que a educação em direitos humanos opera tanto no currículo explícito quanto no implícito, que alguns denominaram “currículo oculto”. [...] A quase totalidade dos países optou por fazer dos direitos humanos um conteúdo ou tema transversal. Trata-se de impregnar e de infundir a totalidade do currículo, tanto o explícito quanto o oculto, com os conteúdos dos direitos humanos. Estes, na visão transversalista, não são do domínio exclusivo da história ou da educação cívica, mas de todas as disciplinas e da totalidade da vida escolar. [...] A educação em direitos

humanos, [...] está inspirada diretamente no trabalho de Paulo Freire e, portanto, na pedagogia do oprimido e a pedagogia crítica. [...]

- **Uma educação que enfrenta tensões.** Para finalizar, desejaríamos selecionar um conjunto das tensões, conflitos e contradições às quais certas Monografias se referem e que a educação em direitos humanos enfrentou tanto no passado quanto no presente. [...]

- **A tensão entre o autoritarismo e a autonomia [...]**
- **A tensão entre o entorno e o sujeito [...]**
- **A tensão entre a construção de confianças e a desconfiança e os medos [...]**
- **A tensão entre neutralidade e o compromisso político-ideológico e a mudança e a transformação social [...]**
- **Tensão entre Estado e sociedade civil [...]**
- **Tensão derivada da polissemia de termos [...]**

(MAGENDZO, 2009 p. 7- 25, tradução nossa, grifos do autor).

A conceitualização não é um mero exercício teórico, pois, conforme aponta Magendzo (2009) na última das tensões citadas, aquela derivada da polissemia¹² de termos, a diversidade de denominações dadas às ideias relacionadas com a EDH afeta os modos como estas são compreendidas e aplicadas.

Voltando à questão de como definir a EDH, podemos usar estas ideias-força sistematizadas por Magendzo (2009) para ensaiar um conceito. A EDH é uma educação contextualizada, que apresenta uma forte inter-relação com os direitos humanos e a construção da paz e da democracia. Esta última é seu valor supremo, dentro de um sistema fundamentado em princípios ético-valóricos. O propósito último da EDH é incentivar uma educação política de caráter transformador, com abrangência integral-holística, pois opera tanto no currículo explícito quanto no implícito ou oculto. É inspirada na pedagogia do oprimido e a pedagogia crítica de Paulo Freire e visa formar sujeitos de direitos, capazes de enfrentar as tensões e contradições, tanto do passado quanto do presente.

Para alcançar esse fim, uma estratégia pedagógica-didática é a controvérsia. Nela, “o central são o sujeito docente e o sujeito estudante [...], que se constroem na interação e o diálogo intersubjetivo”, com o processo dialógico como “ferramenta de aprendizado e de empoderamento” (MAGENDZO; JOFRÉ 2015, p. 11-12).

¹² Não parece correto, aqui, o uso do substantivo polissemia, que significa que um termo tem vários significados. A tensão citada mais bem consiste na diversidade de nomenclaturas dos conceitos relacionados com a EDH, o que gera confusões e falta de coesão teórico-prática.

Portanto, o diálogo, a interação e o empoderamento dos sujeitos de direitos deverão nortear o projeto de pesquisa-intervenção em EDH, para produzir as transformações almejadas pela pedagogia crítica.

4.3.1 Gênero

A igualdade de gênero é um assunto fundamental para a sociedade como um todo e também representa um desafio no mundo da capoeira. Se na sociedade brasileira a cultura dominante é machista, na capoeira essa característica é acentuada. No entanto, com o advento das políticas de igualdade de gênero, é muito mal visto expressar preconceito ou, mais especificamente, machismo, em público. Isso leva a formas de desigualdade que precisam ser desvendadas por não serem tão evidentes.

Uma questão que é bastante silenciada no mundo da capoeira é a sexualidade; ou, pelo menos, a sexualidade que não se enquadra no padrão heterossexual cisgênero. Na verdade, muito se tem avançado nas questões de gênero envolvendo homem/mulher, mas essas identidades são entendidas dentro do padrão citado.

Como o ensino da capoeira é complexo, envolvendo trabalho físico, educação musical e uma boa dose de coreografia, parar essa dinâmica para discutir orientação sexual e como ela se apresenta no mundo de capoeira não é tarefa fácil.

Não é muito comum ter aulas teóricas na capoeira, pois sacrificar o ensino de algum dos aspectos técnicos anteriores para tratar um assunto transversal tem que ser feito de forma consciente e planejada, para não prejudicar o andamento da formação. No entanto, questões transversais estão cada vez mais presentes na capoeira que podemos chamar de 'cidadã', isto é, aquela que não se preocupa apenas com a beleza e o movimento – a estética –, mas também com a ética.

Mesmo sendo aceita e participando dos treinos e apresentações, a mulher ainda é minoria (BARBOSA, 2005). Se não em número total, sim em quantidade de mulheres graduadas, especialmente com as cordas mais altas (contramestra e mestra). O vocabulário ainda é machista. Não é raro ouvir alguém se referindo a uma mulher como 'mestre' ou 'contramestre'. No entanto, as mulheres já estão começando a criar seus próprios discursos sobre a capoeira, o qual indica certo nível de emancipação. Por exemplo, perfis nas mídias sociais sobre a mulher na capoeira.

4.3.2 Cidadania planetária

A questão da sustentabilidade é prioritária no mundo contemporâneo. Não é mais entendida apenas como uma mera conjuntura ambiental, mas como um conceito intrinsecamente ligado à existência humana, pois o progresso sem sustentabilidade significaria a autodestruição da nossa espécie.

No Brasil, os direitos ao desenvolvimento e ao meio ambiente ecologicamente equilibrado estão contemplados no artigo 225 da CF-88. Trata-se de direitos de terceira geração, que, junto com questões relativas à educação ambiental (EA), são mencionados em outros artigos da Carta Magna; a saber: 23, 24, 129, 170, 174, 186, 200 e 205 (BRASIL, 1988).

Complementando as disposições constitucionais, a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) e dá outras providências (BRASIL, 1999). No entanto, mesmo com este marco político-normativo, o meio ambiente brasileiro está longe do equilíbrio ecológico.

Para ZANETI (2014, 14), a mudança para um modelo de desenvolvimento sustentável passa por “uma nova forma de olhar o mundo e de pensar em termos de relações, encadeamento e contexto”. É o que a autora chama de pensamento sistêmico ou ecológico. Afirma que o problema é a valorização do ter frente ao ser, o que leva a uma crise, da qual o ser humano só poderá sair por meio de uma nova forma de olhar o mundo e de uma relação com a natureza que envolva amorosidade, cuidado e pertencimento.

A cidadania planetária tem a ver com aquilo que é comum; portanto, guarda relação com os conceitos de comunicação, comunhão, comunidade: “O que é cidadania planetária? (...) A noção de cidadania planetária sustenta-se na visão unificadora do planeta e de uma sociedade mundial. Ela se manifesta em diferentes expressões: nossa humanidade comum, unidade na diversidade, nosso futuro comum, nossa pátria comum” (GADOTTI, apud ZANETI, 2014, 14).

A capoeira, como filosofia holística e prática social, pode contribuir para essa mudança, fortificando a ideia do todo, da união, da cidadania planetária.

5 CAMPO DE INTERVENÇÃO

5.1 Localização, contexto sociocultural a que atende

O Centro Cultural Arte Luta N'golo Capoeira tem sua sede em Brasília e concentra uma parte significativa de suas ações no Distrito Federal, mas também desenvolve atividades de forma continuada em outras localizações, tais como Gravatá (PE) e Alto Paraíso (GO). Cada um desses núcleos conta com um docente responsável, que ministra aulas e realiza eventos periódicos para apresentar a evolução do aprendizado do grupo. Os integrantes do N'golo que residem, de forma temporária ou permanente, em outros locais do Brasil ou do exterior – por exemplo, a Espanha e a Tailândia –, levam a capoeira do N'golo para eventos nessas localizações e também ministram algumas aulas de arte luta.

Uma vez por ano – normalmente, no mês de março –, acontece em Brasília o Encontro Pedagógico do N'golo, restrito aos docentes, que visa reciclagem de conhecimentos e alinhamento metodológico. Já o Capoesco, também anual, congrega docentes, alunos e comunidade em Brasília – em 2015, após a etapa brasiliense, o evento teve desdobramentos em outros núcleos. Com frequência, docentes e alunos realizam intercâmbios com outros grupos de capoeira e participam em eventos realizados em localizações diversas, tanto no Brasil quanto no exterior.

O presente projeto de pesquisa-intervenção foca nas atividades desenvolvidas na sede do N'golo Capoeira, que acontecem nas instalações de um centro educacional público de um dos distritos administrativos de Brasília.

O contexto sociocultural é diverso, pois, nesse núcleo, o N'golo Capoeira oferece aulas gratuitas para quem comparecer às mesmas – o único requisito é respeitar os direitos e deveres estabelecidos para o bom funcionamento do grupo. Por funcionar em um centro de ensino, muitos dos integrantes do N'golo começaram a praticar a capoeira enquanto eram alunos dele e continuaram após ter completado seus estudos lá. Por se tratar de uma escola pública, não há barreira socioeconômica para a entrada, o que influencia na diversidade do perfil de aquela parte do público recebido pelo N'golo através do centro. Outra parte dos alunos procede da comunidade e também apresenta perfis diversos.

5.2 Função social, níveis e modalidades de ensino, número de funcionários, espaço físico

O Centro Cultural Arte Luta N'golo Capoeira (2015d) define sua natureza e função social da seguinte forma: “Entidade sem fins lucrativos constituída juridicamente, que tem como finalidade o ensino e a difusão da capoeira como prática educativa, cultural e desportiva”. Trata-se, portanto, de uma entidade formalizada, que não visa lucro e que apresenta uma visão multidimensional da capoeira.

As aulas são abertas à comunidade, conforme explicado na epígrafe anterior. A capoeira é ensinada como atividade extracurricular, em treinos separados para crianças e adultos, além de aulas de musicalidade e ritmo. Também são ensaiadas apresentações artísticas a serem realizadas em eventos.

A escola onde funciona a sede do N'golo atendia alunos de ensino fundamental e de ensino médio até o curso passado, mas atualmente está voltada apenas para o ensino médio. No meio do ano, é realizada uma gincana social, esportiva e cultural, em cuja organização os docentes do N'golo costumam colaborar, ajudando a preparar atividades relacionadas com a capoeira. O intuito da gincana é que os alunos possam devolver à sociedade uma parte do que receberam pelo fato de estudar em um centro público.

Trata-se de um centro que foi inaugurado em 1970. À época, oferecia aulas da série ginásial (da 1ª à 4ª série) no período diurno e um curso secundário profissionalizante à noite. Conta com uma longa tradição na oferta de atividades esportivas, pois nele funcionaram, entre 1987 e os dias de hoje, vários Centros de Iniciação Desportiva (CIDs)¹³, vinculados à Secretaria de Educação do DF. Em diferentes momentos, foram oferecidas as modalidades de atletismo, ginástica, natação, hidroginástica e capoeira.

O trabalho atual do N'golo Capoeira não é mais oferecido por meio de um CID, mas desenvolvido como entidade sem fins lucrativos, em colaboração com a escola. A evolução desse trabalho é contada pelo Mestre Dionizio (2015) no site do N'golo Capoeira. De 1987 até 1992, as aulas de capoeira eram dadas por meio de um projeto chamado Centro de Aprendizagem da Capoeira, vinculado à então denominada Fundação Educacional do DF (FEDF). Em 1992, o projeto passou a fazer parte do CID e foi rebatizado como Centro de

¹³ Não todos os CIDs funcionaram simultaneamente e apenas alguns tiveram continuidade. Para manter o foco do presente trabalho, concentramos a nossa análise na evolução do CID de capoeira.

Iniciação Desportiva em Capoeira. Os requisitos colocados aos docentes que desejassem atuar no CID de Capoeira ilustram o elevado grau de qualificação exigido: pertencer ao quadro efetivo do magistério, por meio de concurso público, e ser mestre ou contramestre de capoeira. Houve ligação com o Grupo de Capoeira Beribazu até o dia 13 de outubro de 2003. Nessa data foi feita a desvinculação e, após uma transição que envolveu diálogos e votações, em 10 de julho de 2004, o Mestre Dionizio e um grupo de alunos fundaram o Centro Cultural Arte Luta N'golo Capoeira.

O N'golo Capoeira não tem funcionários contratados. Os docentes e alunos graduados dividem entre si as responsabilidades de representação, as tarefas administrativas e a organização dos treinos e eventos. De acordo com as informações fornecidas pelo grupo, por meio do site oficial, o número de docentes é de 27 pessoas, contando a partir do nível de graduação, isto é, de aqueles que estão em formação – estagiários e monitores – até os instrutores, mestres e contramestres. São 23 do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Vale ressaltar que, nos dois níveis superiores de graduação, o N'golo não conta, no momento da realização desta pesquisa-intervenção, com nenhuma mulher, pois a graduação mais elevada entre as integrantes do sexo feminino é a de instrutora. Em comparação, o número de homens nesse patamar é de oito (CENTRO CULTURAL ARTE LUTA N'GOLO CAPOEIRA, 2015b).

Tabela 1 – Número de docentes do Centro Cultural Arte Luta N'golo Capoeira

Graduação	Sexo	
	Masculino	Feminino
Mestre	4	0
Contramestre	4	0
Instrutor	5	2
Monitor	8	0
Estagiário	2	2
Total	23	4

Fonte: elaboração própria, com dados do Centro Cultural Arte Luta N'golo Capoeira (2015b).

Na sede do N'golo, as atividades são desenvolvidas em uma quadra esportiva de uso não exclusivo, mas caracterizada com o logo do grupo. O espaço fica à disposição para os treinos e outras atividades durante os horários estabelecidos. Também há um quarto de apoio para guardar instrumentos, acessórios de treino e outros materiais.

5.3 Aspectos culturais relevantes, projetos pedagógicos desenvolvidos

Uma das principais características do Centro Cultural Arte Luta N'golo Capoeira é sua cultura participativa. Atualmente, os eventos são realizados de forma colaborativa pelos membros do grupo, com responsabilidades gradativamente maiores em função da evolução na graduação. Entendemos que esse carácter democrático já está presente no relato do Mestre Dionizio (2015) sobre a escolha do nome para o grupo – que implicou, ao mesmo tempo, a eleição de um mito fundacional e de uma linha de trabalho, dentro das vertentes da capoeira:

Depois da desvinculação do Grupo Beribazu, **iniciamos no dia 07 de fevereiro de 2004 juntamente com os alunos mais graduados discussões sobre a criação ou não, de um nome para o grupo que já existia de fato**, pois todos [os] iniciados e pertencentes a esse trabalho de capoeira na escola também já atua[va]m como docentes de capoeira, ministrando aulas em vários locais em Brasília e em algumas cidades como São Paulo, Gravatá-PE, Imperatriz-MA e até no Japão.

Desta forma, optamos pela criação de um nome que surgisse das **sugestões que porventura fossem dadas por qualquer aluno integrante do grupo**. Foram **quatro meses colhendo sugestões e no dia 10 de julho de 2004, diante de seis nomes, escolhemos por maioria de voto** o nome "N'GOLO", que passou então a ser composto de Centro Cultural Arte Luta N'GOLO Capoeira. Centro Cultural - pela nossa proposta de trabalhar pela difusão e desenvolvimento da capoeira como cultura nacional, Arte Luta - por sermos oriundos da vertente arte luta, fundamentada pelo Mestre Zulu e optarmos por estar a ela vinculados (DIONIZIO, 2015, grifos nossos).

No texto acima, ressaltamos os trechos que trazem o sentido de participação. Embora as discussões acontecessem inicialmente com os alunos mais graduados, foram aceitas sugestões de nomes de qualquer aluno integrante do grupo. O período aberto para as sugestões foi significativo – quatro meses – e fechou-se com uma escolha por maioria de voto.

Outra questão relevante é a ancestralidade. A escolha do nome N'golo, de matriz africana, implica também a eleição de um mito fundacional. Barbosa (2005, p. 9) cita Luis da Câmara Cascudo como primeiro autor a estabelecer “uma conexão entre essa dança africana e a capoeira”. Cascudo, como veremos na sequência, teria uma importância fundamental na divulgação dessa ideia.

Cascudo foi influenciado pelo pintor Neves e Sousa. O artista, no entanto, antes de procurá-lo, foi conversar com o Mestre Pastinha, referência em capoeira angola no Brasil:

O n'golo, explicou Neves e Sousa ao velho capoeirista, é dançado por rapazes nos territórios do sul de Angola, durante o ritual da puberdade das meninas. Chamado de mufico, efico ou efundula, esse ritual marca a passagem da moça para a condição de mulher, apta a namorar, casar e ter filhos. É uma grande festa em que se consome muito macau, bebida feita de um cereal chamado massambala. O objetivo do n'golo é vencer o adversário atingindo seu rosto com o pé. A dança é marcada pelas palmas, e, como na roda de capoeira, não se pode pisar fora de uma área demarcada. N'golo significa “zebra” e, de fato, alguns movimentos, em particular o golpe dado pelo pé, de costas e com as duas mãos no chão, parecem mesmo com o coice de uma zebra (ASSUNÇÃO; COBRA MANSA, 2008).

O encontro descrito no trecho acima é narrado em artigo no qual Assunção e Cobra Mansa (2008) questionam se o n'golo seria o “elo perdido”, o ancestral da capoeira. De acordo com os autores, Mestre Pastinha apenas transmitiu oralmente estas ideias a alguns alunos próximos, não as registrou em livro. Quem o fez foi Cascudo, então presidente da Sociedade Brasileira de Folclore, a quem Neves e Sousa procurou na sequência:

O folclorista potiguar encampou a teoria, tanto que citou longos trechos da carta do pintor no seu livro *Folclore do Brasil* (1967) e incorporou a explicação no seu *Dicionário de Folclore* (1972, 3ª ed.). Baseado nas informações fornecidas pelo amigo, Cascudo deu mais detalhes sobre a dança da zebra e sua trajetória até se transformar em capoeira (ASSUNÇÃO; COBRA MANSA, 2008).

Cascudo escreveu também um prefácio para a exposição *Da minha África e do Brasil* que eu vi, organizada por Neves e Sousa em 1966, que virou livro, com o mesmo título, em edição caseira, em 1972. Da obra, Assunção e Cobra Mansa (2008) destacam a semelhança, mostrada pelos desenhos do pintor, entre alguns movimentos do n'golo e os da capoeira: “Como esses movimentos parecem existir somente em jogos de combate da diáspora dos povos bantos, permanece relevante o vínculo ancestral entre o n'golo e a capoeira brasileira”. Afirmam que o livro “circulou pouco na época”, mas as imagens ficaram famosas, “muitas vezes circulando via fotocópia de fotocópia”. Isso tornou o n'golo popular:

A partir da década de 1990, o n'golo e as listras da zebra têm figurado nos logotipos e nos websites de muitos grupos de capoeiristas, assim como nas camisas e nos brindes distribuídos em seus eventos. Os detalhes fornecidos por Cascudo e os desenhos de Neves e Sousa, repetidos e reproduzidos inúmeras vezes, viraram referência obrigatória no meio. O n'golo acabou por transformar-se num mito de origem, numa “tradição ancestral” (ASSUNÇÃO; COBRA MANSA, 2008).

À luz desta perspectiva histórica, podemos interpretar a escolha do nome N'golo como o reconhecimento de uma ancestralidade, a partir da qual se constrói a identidade do grupo. Albuquerque (2011, p. 16) destaca a importância de os capoeiristas compartilharem uma identidade: “A capoeira tem [...], como suporte, uma memória coletiva fundada no culto aos

ancestrais, que os remete a um modo de sentir e relacionar-se com o mundo e com as pessoas neste universo simbólico”. Neste caso, o universo simbólico tem como centro o n’golo.

Partindo das considerações anteriores, analisemos agora o posicionamento oficial do N’golo com relação ao significado do nome:

N’GOLO - era um ritual praticado por tribos do sul da África principalmente os Humbes e Mucupes, durante a "efúndula" (quando meninas passam a [sic] condição de mulher), as jovens eram disputadas entre jovens guerreiros em luta corpo a corpo, ao vencedor cabia o direito de escolher sua esposa, sem o pagamento do dote matrimonial.

O N’GOLO - traduzido também como dança da zebra, junto com cujuinha, uiganga e cuissamba são dentre outros elementos motrizes africanos, formadores do substrato estético-gestual da capoeira (mestre Zulu - Idiopraxis de Capoeira), 1995 p. 02.

A dança da zebra era, pois movimentos imitados com os da zebra em luta ou em carreira ou ainda das zebras machos para conquistar uma fêmea no cio.

Na língua Kikongo em algumas tribos do sul da Angola N’GOLO significa: FORÇA ou PODER (DIONIZIO, 2015).

Vale destacar que esta descrição faz parte da história do grupo, assinada pelo Mestre Dionizio. É a única página do site que leva identificação individual de autoria, o que demonstra a importância da figura do mestre no grupo de capoeira quando se trata de transferir a memória e construir a identidade. Com relação a esses processos, Albuquerque (2011, p. 16), afirma: “Através da riqueza dos ritos e dos mitos, que o mestre transmite ao grupo, são atualizadas as memórias, criando um elo com os ancestrais, com os orixás e com a África”. Devido à importância simbólica do n’golo, procuramos o Mestre Dionizio para sugerir a apresentação da dança da zebra em algum dos eventos do grupo. Na ocasião, ele informou que o n’golo nunca havia sido representado pelo Centro Cultural Arte Luta N’golo Capoeira (informação verbal)¹⁴. Isto é, o ritual é significativo não tanto pela sua dinâmica concreta – a forma de dançar, o desenvolvimento da competição –, mas pela sua dimensão simbólica, servindo como suporte à identidade, com o sentido de “força ou poder”, conforme último parágrafo do posicionamento acima.

Nas colocações sobre o significado no nome N’golo, o Mestre Dionizio (2015) cita o livro Idiopraxis de capoeira, do Mestre Zulu (1995a, p. 2), que elenca o n’golo e outros “elementos motrizes africanos” como “formadores do substrato estético-gestual da capoeira”. No entanto, o Mestre Zulu, ao tempo que reconhece essa ancestralidade, afirma que não há dúvida da

¹⁴ Informação fornecida pelo Mestre Dionizio na sede do Centro Cultural N’golo Capoeira, durante conversa informal, no começo de 2015.

origem da capoeira: “surgiu no Brasil¹⁵ [...] como instrumento de luta pela reconquista da liberdade [...]” (ZULU, 1995a, p. 2).

Além do conteúdo, o trecho citado é relevante por tratar-se de um registro escrito do vínculo do Mestre Dionizio com quem o formou, o Mestre Zulu. Essa ligação é expressada também pela presença do Mestre Zulu em alguns eventos do N’golo, principalmente o Capoesco. Tem sido, ainda, opção do N’golo seguir a linha de capoeira arte luta¹⁶, assim como o Sistema Ideário de Graduação, ambos desenvolvidos pelo Mestre Zulu.

O sistema de graduação combina aspectos da cultura do negro com questões filosóficas – metafísicas – e elementos inspirados nos cultos africanos – não em sua dimensão religiosa, mas simbólica. Sobre esta questão, o site oficial oferece o seguinte esclarecimento: “Embora, haja uma relação com os domínios de irradiação dos Orixás do Candomblé e da Umbanda, esta ligação é de conotação meramente metafísica e filosófica, desvinculada [sic] de qualquer indução ou orientação para alguma prática religiosa” (CENTRO CULTURAL ARTE LUTA N’GOLO CAPOEIRA, 2015c).

O site remete a Zulu (1995a, p. 77). Ao consultar a referência, verificamos que é pertinente, pois desvincula a questão religiosa de qualquer prática ou aliciamento. No livro, o Mestre Zulu explica que, após uma extensa pesquisa sobre a vivência do negro, cuja cultura motriz ele considera a origem da capoeira, concluiu que a predominância de uma religiosidade de símbolos e valores africanos era “quase absoluta”. Por isso, “não haveria outra alternativa com afinidade cultural maior senão a concatenação de cada vivência social do segmento negro a uma ambiência esotérica respectiva de cada orixá” (ZULU, 1995a, p. 77-78). Esta é a razão pela qual, no sistema de graduação, cada corda, assim como sua categoria correspondente, esteja associada a uma fase social do negro, um domínio de irradiação do orixá e uma relação metafísica.

Para melhor compreensão, a modo de exemplo, segue a descrição do significado da corda superior na hierarquia, a branca, correspondente à categoria mestre dignificador, que é a usada atualmente pelo Mestre Dionizio:

¹⁵ Para uma discussão das hipóteses sobre a origem da capoeira, ver item 4.1 desta monografia.

¹⁶ Conforme registrado no item 5.3 do presente trabalho.

Cor da corda: BRANCA - Categoria: MESTRE DIGNIFICADOR

- Fase Social do Negro

Fase do Negro Cidadão: Representa a fase em que o negro embora ainda em condição de inferioridade, de mingramento das oportunidades, consegue reconhecer-se criticamente a partir de sua inserção na sociedade e terá de conquistar seus direitos universais de cidadania.

- Domínio de Irradiação do Orixá:

O domínio fisioesotérico é de Oxalá, que tem domínio sobre a abóboda celeste, ligado ao princípio de tudo, da criação, da pureza e da paz. É o chefe supremo e pai de quase todas as divindades.

- Relação Metafísica:

Com a veiculação secular de imagens estereotipadas do negro, formou-se um racismo dissimulado em que o seu combate exige o envolvimento consciente de todos os segmentos sociais na busca de uma cidadania plena para todos. O exercício da cidadania plena está associada [sic] à universalidade de irradiações de Oxalá. Cor representativa de Oxalá – Branca (CENTRO CULTURAL ARTE LUTA N'GOLO CAPOEIRA, 2015c).

Há um adendo a esse sistema de graduação, que não está contemplado na obra do Mestre Zulu (1995a), mas foi definido no Encontro Pedagógico N'golo Capoeira de 2015, referente a diversos usos da corda crua (CENTRO CULTURAL ARTE LUTA N'GOLO CAPOEIRA, 2015c). Dessa inclusão, destaca a uniformização para alunos que levem um tempo determinado sem frequentar os treinos. Se, na avaliação do docente responsável, eles precisarem passar por um período de reciclagem, usarão uma corda crua com a ponteira colorida na cor correspondente à sua graduação. O intuito é sinalizar para os companheiros de treino que a pessoa leva um tempo afastada da prática e, portanto, deverão tomar cuidado ao jogar com ela, pois seus movimentos podem não estar tão fluidos e seus reflexos, um pouco mais lentos. Este cuidado faz parte da cultura de paz promovida pelo grupo, pois evita-se, na medida do possível, machucar o outro durante o jogo, preservando a integridade física e a saúde dos capoeiristas - uma abordagem totalmente diferente da capoeira de contato ou as artes marciais mistas, dentre outras modalidades violentas. Dessa forma, ao diminuir a agressividade do jogo, abre-se espaço para que fluam os aspectos terapêuticos da prática, tais como o fomento da alegria, a amizade e a solidariedade.

Para conhecer o sentido não escrito de práticas como a descrita no parágrafo anterior, é necessário ir treinar com o grupo e ficar por dentro da sua cultura. É o que acontece com o cumprimento, uma sequência que consiste em bater levemente punho com punho, segurar mutuamente no antebraço do colega e dar a mão. O gesto significa “juntos seremos fortes infinitamente” – frequentemente escrito, em comunicações informais, como mensagens via WhatsApp ou Facebook, apenas como uma sigla: JSFI. Outro detalhe é o nó da calça, que é

feito de tal modo que fica no formato de infinito – termo que faz parte do JSFI. Em outras palavras, é um grupo que preza pelo aprendizado por meio da vivência. A capoeira é vista como uma prática, que precisa passar pela experiência pessoal e individual em contato com os aspectos coletivos.

A logo condensa muitos dos elementos citados acima: a palavra de origem africana n'golo, o termo brasileiro de raiz tupi capoeira, a referência ao Mestre Dionizio – ou bem outro docente, responsável por um determinado núcleo, se for o caso –, a bandeira do Brasil e o berimbau – este último, com a cabaça representando o mundo, o que denota uma visão universalista. Esses elementos estão presentes também nas músicas, muitas delas compostas pelo próprio grupo.

Figura 1. Logo



Fonte: Centro Cultural Arte Luta N'golo Capoeira

Com relação aos projetos pedagógicos desenvolvidos, o mais importante é o Capoesco, evento anual que serve não apenas para apresentar a evolução do grupo na prática da capoeira, mas também para desenvolver apresentações que aprofundam em manifestações artísticas diversas, como o samba, a puxada de rede, o maculelê e a dança afro. As nove primeiras edições do Capoesco foram feitas representando o Grupo Beribazu e as restantes, o Centro Cultural Arte Luta N'golo Capoeira. Em 2015, o evento chegou à sua XX edição.

Embora a transmissão oral do conhecimento durante os treinos e eventos seja fundamental no caso da filosofia de ensino seguida pelos docentes do Centro Cultural Arte Luta N'golo Capoeira, há também uma preocupação com desenvolver uma cultura letrada. Assim o demonstra a divulgação de artigos sobre capoeira no site da entidade (CENTRO CULTURAL ARTE LUTA N'GOLO CAPOEIRA, 2015a). Na mesma plataforma, são disponibilizados os trabalhos de graduação, textos breves em formato de resenha ou memória pessoal, nos quais os integrantes do grupo refletem sobre diversos aspectos da capoeira. (CENTRO CULTURAL ARTE LUTA N'GOLO CAPOEIRA, 2015e).

A relação com o projeto político-pedagógico (PPP) do centro educacional no qual funciona a sede do N'golo acontece de duas maneiras, ambas indiretas, pois a capoeira não está registrada

formalmente no PPP. De um lado, o grupo é um dos protagonistas da Semana da Consciência Negra. De outro, os docentes do N'golo colaboram com a Gincana Social, Esportiva e Cultural, ajudando professores e alunos a desenvolverem apresentações de manifestações culturais afro-brasileiras a serem realizadas durante o evento. Essa conexão com a gincana não é casual, pois os organizadores da mesma são professores de educação física da escola, cujas preocupações abrangem também as áreas social e cultural – por isso, o evento contempla não apenas provas esportivas, mas também doações de sangue e apresentações de dança, dentre outras atividades. Trata-se de perfis docentes próximos aos de muitos integrantes do N'golo, pois a abordagem da capoeira como arte-luta parte também de uma perspectiva multidimensional.

5.4 Sujeitos envolvidos na pesquisa

Foram escolhidos três dos docentes com mais alta graduação do grupo, dois deles do sexo masculino e uma do sexo feminino. Foi preservada a identidade dos mesmos, com a finalidade de evitar uma excessiva personalização e também de garantir o anonimato de cada depoimento. Para evitar a fácil identificação da docente do sexo feminino, todos eles foram identificados com o nome Docente, acompanhado de um número (1, 2 ou 3), e tratados no gênero masculino. Os três docentes envolvidos na pesquisa são formados em Educação Física e pós-graduados em áreas correlatas.

6 AÇÕES DESENVOLVIDAS NA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO

Do começo da pesquisa, a nossa postura foi participante, pois logo percebemos que uma observação externa não conseguiria captar as nuances da cultura do grupo e nem de suas interações com a comunidade escolar e a sociedade. Além da proximidade, notamos que, para compreendê-lo, era necessário alinhar os conhecimentos teóricos com a prática. Para nomear esta relação, o Mestre Zulu (1995b) usa o termo idiopraxis:

Idiopraxis é o termo decorrente da composição do prefixo idio com o vocábulo praxis, cuja acepção específica é dada por nós como sendo ideias e atividades que corroboram de forma especial para transformar parcela da sociedade, sob a perspectiva do construtivismo [sic] da inteligência e do comportamento, por meio do estudo e prática da Capoeira Arte-Luta (ZULU, 1995b).

Além de considerar a estreita ligação da teoria com a prática, há o desafio de separar o capoeirista do pesquisador, caso essa separação seja, de fato, possível:

Como poderia o sujeito Saulo de Tarso Gambarra da Nóbrega, o pesquisador, ciente da “neutralidade, da objetividade, da indiferença e do rigor da pesquisa científica”, optar pela capoeira enquanto objeto de estudo; de “outro lado”, como o sujeito “Tijolo”, o capoeira, consciente das históricas “malandragens” da modernidade contra a capoeira e os capoeiras, conseguiria suplantar as fronteiras da relação sujeito/objeto? E, mais, como encontrar o tão falado “respaldo científico” estimado e perseguido pelas ciências sociais (no nosso caso, são as ciências jurídicas) sabendo, que o pesquisador Saulo e o capoeira “Tijolo” são indistinguíveis (NÓBREGA, 2010, p. 12).

Quando se trata da capoeira, a separação entre sujeito e pesquisador é, de fato, difícil, pois a roda não é percebida do mesmo jeito do lado de fora do que dentro dela. Por isso, participar é uma via de conhecimento importante. No entanto, também é necessária uma metodologia de pesquisa-intervenção que ajude a distinguir as percepções subjetivas do sujeito pesquisador dos dados de caráter mais objetivo, devidamente documentados, que este obtenha em campo – isto é, se a objetividade absoluta não é possível, existe, ao menos, a possibilidade de atribuir discursos e descrever processos, para que fique clara qual é a origem da informação apresentada e como ela foi obtida e processada.

Ao participar - palavra-chave esta, “participar” - nos treinos e fazer nossas observações, percebemos a importância dos eventos, sobretudo as apresentações envolvendo rodas. Em Brasília é realizada uma apresentação mensal no Espaço Cultural da Feira do Guará¹⁷.

¹⁷ Além do grande evento anual do grupo, o Capoesco, mencionado no item 5.3.

Para levantamento de percepções sobre a relação entre a capoeira praticada pelo N'golo e a educação em direitos humanos, foi realizado um grupo focal de uma hora de duração com de três docentes do centro cultural¹⁸. O encontro aconteceu na segunda-feira 26 de outubro de 2015, em salão de festas de prédio particular do Guará II (Brasília, DF), e foi conduzido pelo pesquisador Óscar Curros.

Na sequência, são apresentadas as principais respostas a cada eixo temático, analisadas a partir das teorias pertinentes e da participação nas atividades do N'golo Capoeira. Foi utilizado um questionário semiestruturado, que continha um roteiro com perguntas básicas, às quais foram sendo adicionadas outras conforme andamento do grupo focal. A análise das respostas foi qualitativa e, ao redigir os resultados do grupo focal, houve reorganização de alguns dos conteúdos por blocos temáticos – embora esses blocos já tivessem servido como orientadores, embasando o roteiro do questionário original.

6.1 Visões da história da capoeira no contexto da cultura afro-brasileira

Diante da influência do pensamento do Mestre Zulu na construção da identidade do Centro Cultural Arte Luta N'golo Capoeira, as discussões com os docentes foram abertas lendo um trecho do livro *Idiopráxis de capoeira*:

A capoeira tem seu curso histórico marcado por racismo, discriminações, preconceitos, estereótipos e perseguições sem par. Por outro lado, essa manifestação é fortalecida por uma experiência motriz, uma educação motriz, e uma cultura motriz decorrentes de matrizes africanas e afro-brasileiras e também pelo ecletismo do imaginário, exercitado diuturnamente como instrumento de resistência cultural. (ZULU, 1995b).

Essa leitura serviu para introduzir a questão de como são trabalhadas as matrizes africana e brasileira no N'golo. Para responder, o Docente 1 recorreu ao mito fundador¹⁹: “A capoeira surgiu devido à vinda do negro africano ao Brasil. Trouxeram danças como o n'golo, a bassula. Os capoeiristas devem manter a essência da capoeira, influenciada pelo desenvolvimento”. Isto é, a capoeira evolui, mas vai carregando suas tradições, conforme ressalta o Docente 1 ao completar seu raciocínio: “É importante não deixar de reconhecer essa herança. Ela está presente nas músicas, nas pesquisas, nas histórias e em personagens como Zumbi, Besouro, Ganga Zumba”.

¹⁸ Vide item 5.4.

¹⁹ Explicado na epígrafe 5.3.

Outros personagens de referência são os mestres de capoeira, dos quais se contam os feitos – muitas vezes, por meio de músicas cantadas na roda. Por isso, é importante lembrar alguns momentos históricos protagonizados por mestres.

Em 1954, na Era Vargas, o Mestre Bimba apresentou-se em Salvador para o presidente Getúlio Vargas. De acordo com o Iphan (2007, p. 40), este último teria se referido à capoeira como “o único esporte genuinamente nacional”. Já em 1988, o Mestre Zulu fez uma apresentação de capoeira em Brasília, com ocasião da visita do ex-presidente da África do Sul, Nelson Mandela, ao Brasil – na qual também estava presente o então presidente brasileiro, Fernando Henrique Cardoso. Pedimos aos docentes que refletissem sobre as apresentações para autoridades e nos falassem sobre o sentido das mesmas. O Docente 1 sintetizou: “A capoeira deveria estar presente para o brasileiro como o tai chi chuan está para o japonês. Por isso, é importante chamar a atenção do poder público”. Este depoimento ilustra a postura do N’golo, favorável ao desenvolvimento de uma cultura de participação no âmbito político e da cidadania.

A referência a esses personagens públicos permitiu perguntar a respeito do significado de figuras como a de Nelson Mandela, com cuja foto os integrantes do N’golo se depararam no Fórum Mundial dos Direitos Humanos (FMDH), realizado em Brasília em dezembro de 2015. O líder sul-africano havia morrido pouco antes da celebração do evento, na quinta-feira, 5 de dezembro de 2013, e no FMDH sua imagem estampava um painel que ocupava uma das paredes, no qual se lia a citação “tudo parece impossível até acontecer”. Vários integrantes do grupo tiraram fotos na frente do painel. Por isso, foi perguntado se havia identificação, e quais os motivos: “O que representa a figura de Mandela para a capoeira, em geral, e para o N’golo, em particular?”

A resposta veio, mais uma vez, do Docente 1: “O capoeirista posiciona-se do lado do oprimido e, por isso, também do lado de personalidades que defendem o direito desse oprimido, lutando contra o pré-conceito e a discriminação”. Dentre essas figuras, a de Mandela foi uma das que receberam maior destaque neste começo do século. De fato, a citação que abre o livro História e cultura afro-brasileira na educação infantil (BRASIL, 2014, p. 7) é de Nelson Mandela: “A educação é a arma mais forte que você pode usar para mudar o mundo”. Na sequência, trataremos especificamente da educação em direitos humanos, que é fruto de muitas lutas sociais. A pesar das conquistas, ainda há muitas frentes abertas.

6.2 A escolarização da capoeira

Durante a realização do XX Capoesco, na etapa que aconteceu na sede do N'golo, em Brasília, o Docente 1 afirmou que “a escola é onde se reproduzem todos os pré-conceitos gerados na família” (informação verbal)²⁰. Foi pedida uma opinião sobre a fala e, por se sentir aludido, foi o próprio Docente 1 quem respondeu:

O pré-conceito está muito presente na escola. O aluno negro tem que ser espetacular para ser projetado dentro da escola. A capoeira é vista como uma atividade do negro. O próprio negro é preconceituoso. E a escola, se não oportuniza a capoeira para todos os alunos, vai reproduzir esse pré-conceito. Às vezes, o professor, em sala de aula, critica a capoeira. O professor, às vezes, não é formado para trabalhar como educador e promover a inclusão social (DOCENTE 1).

De acordo com o Docente 1, dentre os benefícios que a capoeira traz para a comunidade, está “evitar que alunos à beira da delinquência caiam nela”. Também ressalta o feito de a prática estar aberta a qualquer pessoa, em comparação com “esportes elitizados”, que exigem somas significativas de dinheiro para poder praticá-los.

Perguntado sobre como lidar com a resistência da escola à capoeira, o Docente 1 defendeu uma visão da educação “libertária”: “Mesmo em uma escola onde trabalhamos há 25 anos, ainda existe resistência. A capoeira mexe com toda a estrutura da escola. Há educadores que não têm uma educação libertária, que é educação oferecida na capoeira”. Colocou como exemplo a forma habitual de lidar com o *bullying*: “A escola pune o aluno que tem esse comportamento com o outro, mas poucos centros trabalham para erradicar o pré-conceito”. E explicou como funciona a abordagem dessas questões na linha de ensino de capoeira seguida no N'golo:

No caso do *bullying*, na escola, às vezes há um exagero. Se um aluno faz uma brincadeira com outro, não necessariamente é um caso de *bullying*. Na capoeira, não há espaço para o *bullying*. Dificilmente o *bullying* vai acontecer, porque a capoeira integra. Além do que os professores e mestres, na capoeira, sempre tentam trabalhar com os alunos que tenham mais dificuldade (DOCENTE 1).

Essa forma de lidar com as brincadeiras pode deixar espaço para os alunos resolverem a maior parte das questões entre eles. Cabe ao docente usar o bom senso e ter o discernimento para saber quando a brincadeira está dentro dos limites ou já os ultrapassou²¹.

²⁰ Depoimento público durante o XX Capoesco, realizado nos dias 4 e 5 de setembro no Guará (DF).

²¹ Por exemplo, é frequente a brincadeira, em ambientes informais, de chamar o colega de ‘gay’.

Como aumentar, então, a influência da capoeira no âmbito escolar? O Docente 1 defende a escolarização da capoeira²² isto é, que ela esteja presente no conteúdo do currículo escolar. “E, mesmo fora do ambiente escolar, que ela seja escolarizada – isto é, que sejam estudados os elementos que a constituem”. No entanto, a legislação vigente ainda não contempla a capoeira de forma explícita no currículo.

6.3 Desafios da educação em e para os direitos humanos

Foi perguntando aos docentes se estavam de acordo com a afirmação do Mestre Zulu (1995b), de que a capoeira é um instrumento de resistência cultural. “Tanto que resistiu até hoje”, colocou o Docente 3. A fala foi completada pelo Docente 1, que lembrou que há professores dando aula de capoeira até em situações de guerra.

Mesmo considerada instrumento de resistência cultural, será que a capoeira, hoje, está perpassada pelo racismo, a discriminação e o preconceito? A resposta dos três docentes foi consensual. Cada um deles mencionou aspectos diferentes de práticas não igualitárias.

O Docente 2 levantou a questão do estrangeiro: “Há racismo contra o estrangeiro que se dedica à capoeira, porque o brasileiro quer ser o melhor”²³. O Docente 3 elaborou o depoimento: “O que acontece com o estrangeiro é que às vezes se dedica mais. É o seu caso, por exemplo, ao ir procurar conhecimento e fazer pesquisa”²⁴. E explicou que, do seu ponto de vista, “o trabalho do professor é reverter a situação”. Como exemplo, colocou a importância do iniciante, ao qual o professor deve dar espaço para que ele se desenvolva.

O Docente 1 completou: “O capoeirista não deve usar a atividade para reforçar o pré-conceito que ele tem. O ambiente da roda é democrático. Joga-se em pé de igualdade”. Em síntese, o papel do professor é estar ciente de que o pré-conceito existe, pois o ser humano o carrega consigo. Cabe ao docente desconstruir esse pensamento e mostrar novos caminhos.

²² Outros docentes utilizam a terminologia “capoeirização da escola” para defender posicionamentos semelhantes. Foi possível registrar esse uso durante a realização do XX Capoesco (informação verbal).

²³ De fato, o próprio autor do presente trabalho de pesquisa-intervenção já passou, em sua condição de estrangeiro, por uma situação de desentendimento cultural e rejeição quando começava a praticar capoeira, antes da filiação ao N'golo Capoeira. O questionamento a um mestre de capoeira por dedicar parte da aula a falar de futebol suscitou uma forte reação do mesmo, que culminou com a frase “Eu não gosto de você”, dirigida ao aluno, que, diante da situação, optou por reclamar da falta de tolerância, pedir igualdade de direitos e, logo após, retirar-se.

²⁴ Referência ao presente projeto de pesquisa-intervenção.

Esses depoimentos deixaram claro que a prática da capoeira se insere em um contexto social mais amplo, e levaram a fazer uma das perguntas não contempladas no roteiro original: Existe um direito construído fora da roda, mas, na prática, existe também outro, achado na roda²⁵?

O Docente 1 deu uma resposta abrangente: “Na vida, todo mundo tem regras. As regras são importantes para fazer valer o direito humano”. Já o Docente 2 especificou: “Existe uma hierarquia que é aprendida na roda, existe o direito ou não de tocar um berimbau. Na roda é aprendido o que é adequado ou não”. Assim sendo, caberá aos participantes da roda de capoeira permanecerem atentos para dar conta de suas obrigações, com frequência não escritas e específicas de cada roda em particular²⁶.

6.3.1 O novo papel da mulher na roda

Após traçar um panorama internacional da condição feminina na capoeira, Barbosa (2005, p. 26)²⁷ conclui: “A mulher demarcou seu tempo e espaço nos círculos da capoeira e tem contribuído substancialmente para estabelecer um equilíbrio de energia nas rodas” e acrescenta uma previsão: “Quaisquer que sejam as transformações futuras, é inegável que a mulher ocupa um lugar diferenciado e diferenciador na capoeira”. Dez anos depois, a participação da mulher na capoeira tem aumentado efetivamente, tanto em número quanto em projeção. Em Brasília, as mulheres são as protagonistas dos eventos do Outubro Rosa, que envolve a realização de rodas e outras atividades, e do qual o N’golo é um dos principais promotores.

O Docente 3 explica de forma sucinta o motivo de tal presença: “Inicialmente, o fato de ter no grupo uma fisioterapeuta oncológica”. No entanto, logo após, fornece um contexto histórico mais amplo, lembrando que, em 1996, o N’golo organizou o Congresso Nacional de Capoeira Feminina, no qual só participaram mulheres.

²⁵ A expressão é inspirada no conceito de direito achado na rua, fruto do movimento conhecido como Nova Escola Jurídica Brasileira (NAIR), cujo principal expoente foi o professor Roberto Lyra Filho. Essa concepção é discutida no blog homônimo mantido pelo Grupo de Estudos Lyrianos, disponível em: <http://odireitoachadonarua.blogspot.com.br>. Consulta em: 25/11/2015.

²⁶ Tal como foi colocado na epígrafe 5.3, o aprendizado acontece, muitas vezes, na prática, no mundo da capoeira. Nele existem normas não escritas, que são transmitidas oralmente, com frequência antes, durante ou depois da roda.

²⁷ Este artigo é especialmente significativo, não apenas pelo seu conteúdo e qualidade, mas por ter sido escolhido pelo N’golo para compor a seleção de três textos publicados na seção “Artigos” de seu site oficial (CENTRO CULTURAL ARTE LUTA N’GOLO CAPOEIRA, 2015a).

Os três docentes concordam que o congresso foi um marco para a história da capoeira feminina no Brasil. O Docente 2 afirma que foi “uma forma de combater o pré-conceito contra a mulher na capoeira”. Por sua parte, o Docente 1 explica que a intenção era “chamar a atenção para a participação efetiva da mulher na capoeira – o que não acontecia até a década de 1980/1990”. Foi, portanto, um exercício de intervenção.

Muitas das mulheres que hoje são alunas ou docentes do N’golo entraram por causa de projetos desenvolvidos no centro educacional que acolhe a sede do grupo. Cabe uma menção especial ao Centro de Iniciação Desportiva (CID), promovido pela Secretaria de Educação do DF, pois, na época, o aluno que frequentava o CID ganhava frequência nas aulas de educação física e não precisava cursar essa última disciplina (DIONIZIO, 2015). De acordo com o Docente 3, isso gerou uma “popularização da capoeira” em Brasília, especialmente entre o público feminino.

Conforme mostrado na Tabela 1 (epígrafe 5.2), há quatro mulheres docentes no N’golo, em comparação com 23 homens. No entanto, a base de alunos apresenta uma desproporção menor, pois nas novas gerações há uma presença feminina mais significativa. O que acontece é que formar um docente de capoeira é um trabalho que leva tempo e as desproporções da década de 1990 estão aparecendo agora. Já as crianças que entraram na capoeira recentemente só vão atingir o nível de docentes dentro de alguns anos. Portanto, a correção das desigualdades de gênero não vai ser imediata²⁸.

6.3.2 A cidadania planetária no cotidiano

O Grupo N’golo caracteriza-se pelo cuidado com a organização. Por exemplo, deixar o ambiente limpo após um evento ou que os integrantes do grupo recolham os instrumentos e acessórios após o treino. Para o Docente 2, a limpeza do ambiente visa deixá-lo saudável, para a realização de uma boa prática.

²⁸ A capoeira não ciência exata, mas arte luta. Por isso, não seria adequado dar um número exato de anos que o aluno precisaria para se graduar e, a partir de aí, poder alcançar o grau de docente. No entanto, observando o sistema de graduação (CENTRO CULTURAL ARTE LUTA N’GOLO CAPOEIRA, 2015c), é possível notar que o grau de monitor é o sétimo na categoria dos adultos, o qual significa que para alcançá-lo é necessário passar pelas seis cordas anteriores. Geralmente, o capoeirista vai trocar de corda, no máximo, uma vez ao ano – sem contar com eventuais lesões, contratempos pessoais e outros fatores que possam dilatar essa progressão. Para alcançar os graus de Contramestre e Mestre, o período de permanência nas cordas imediatamente anteriores pode ser significativamente maior, pois entende-se que é necessário desenvolver não apenas conhecimentos e habilidades, mas maturidade. Isso faz com que a previsão da presença de mulheres com essas graduações implique uma demora maior.

O Docente 1 amplia a visão e afirma que o meio ambiente também é uma questão de direitos humanos. Reclama do fato de alguns espaços naturais, como rios e cachoeiras, serem fechados, por ficarem em propriedades particulares: “Não se deveria impedir alguém de ir a um rio, uma cachoeira”. E a adverte que o ambiente da capoeira “dá o direito de usufruir do espaço, mas também implica o dever de cuidar dele”. Esta visão traz uma ética do cuidado por parte do grupo, como se se tratasse do espaço da própria casa. “As pessoas querem usufruir das praças públicas, por exemplo, mas não entendem que elas têm também o dever de cuidar delas. É o que acontece na escola”, exemplifica.

“Todos os espaços nos quais o N’golo desenvolve as suas atividades recebem esses cuidados”, enfatiza o Docente 3. Coloca como exemplo, o Espaço Cultural da Feira do Guará, que os integrantes do grupo limpam antes de cada apresentação mensal.

O Docente 1 aponta outro motivo para o ambiente estar limpo: “O nosso uniforme é branco”. O Docente 2 explica: “Antigamente, fazíamos treinos diários e muita gente só tinha uma calça. Por isso, ela acabava ficando encardida”. E o Docente 1 acrescenta que isso fez com que algumas pessoas desenvolvessem o pré-conceito de que “todo capoeirista é sujo”. Ao analisar o raciocínio completo, vemos como uma questão aparentemente externa – o meio ambiente – pode afetar aspectos internos do capoeirista – a autoestima –, pois, na verdade, há uma ligação entre o indivíduo, o grupo e o meio ambiente.

6.4 Outras dimensões da capoeira

“A capoeira se adapta a qualquer idade”, afirma o Docente 1 para combater o etarismo – discriminação baseada na idade. Para ilustrar essa colocação, cita o trabalho de um dos docentes do grupo, que há 15 anos desenvolve um projeto cultural e social junto a pessoas idosas. “Muita gente pensava que a capoeira era só para atleta” – afirma o Docente 1. No entanto, rebate, os projetos de capoeira nas Apaes e os realizados com deficientes físicos são exemplos de que tal limite pode ser superado. Explica, ainda, que a capoeira apresenta aspectos com grande potencial como terapia e meios de promoção dos direitos humanos: “rejuvenescimento, mobilidade, estado emocional, satisfação de se sentir incluído etc.” O Docente 3 acrescenta à lista os aspectos físicos, sociais e sociológicos e o Docente 2, o psicossocial.

6.5 Projetos em andamento

Em 2014, foi apresentado, em parceria com um político, o projeto da Casa da Diversidade Esportiva e Cultural (Cadec), para realização de atividades diversas relacionadas com os direitos humanos. No entanto, devido à situação de crise, está parado, já que o financiamento depende de emendas parlamentares e só é esperado a partir de 2017. Por esse motivo, o N'golo está procurando formas de financiamento alternativas. O Docente 3, por exemplo, informa que esteve recentemente em um fórum do Ministério da Cultura sobre financiamento. “Há possibilidade até de pessoas físicas contribuírem”, destaca, para demonstrar a abertura para parcerias de diversa natureza.

O Docente 3 acrescenta que, no Encontro Pedagógico anual do grupo, é colocado tudo em pauta. A partir dele, é planejado o ano inteiro. Portanto, qualquer nova proposta teria que passar por essa reunião. Na atualidade, o calendário é o seguinte: em outubro-novembro, acontece a gincana. Tem o Outubro Rosa, o Novembro Azul e o Dezembro Vermelho. Na semana do 20 de novembro, é comemorada a Consciência Negra.

6.6 Produção, junto com os docentes, de propostas para fomentar inclusão da temática no plano curricular

Para que o Centro Cultural Arte Luta N'golo Capoeira possa formalizar sua promoção dos direitos humanos no contexto da diversidade cultural, foi produzido, junto com os docentes participantes no grupo focal, um conjunto de propostas, que contempla duas etapas:

1ª etapa: fortalecimento da formação dos docentes do N'golo Capoeira em educação em e para os direitos humanos no contexto da diversidade cultural

- Publicação da presente monografia no site do Centro Cultural Arte Luta N'golo Capoeira;
- Realização de apresentações para os docentes do grupo, tanto os envolvidos no projeto de pesquisa-intervenção quanto aqueles que não participaram diretamente;
- Criação de um grupo de estudos sobre capoeira, que tenha os direitos humanos e a diversidade cultural como eixos transversais, e que possa se reunir periodicamente para desenvolver suas atividades.

2ª etapa: treinamento como agentes promotores da capoeira no currículo

- Desenvolver um modelo de oficina de capacitação para incentivar a participação dos docentes do N'golo nos órgãos de decisão dos centros educativos, tais como os conselhos escolares.

Objetivos específicos da oficina:

- Levantar qual é o grau de conhecimento dos docentes sobre o planejamento político-pedagógico dos centros educativos;
- Discutir possíveis abordagens, adaptadas a cada caso concreto;
- Treinar os docentes para atuarem como agentes promotores da inclusão da capoeira no currículo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capoeira, usada como instrumento incentivador da educação em e para os direitos humanos, tem potencial para contribuir à promoção da equidade de gênero, o desenvolvimento da cidadania planetária e a realização de projetos de pesquisa-intervenção, dentre outros impactos.

Para provocar mudanças, é necessário conhecer os preconceitos que existem na sociedade contemporânea. Esta é a consciência de partida dos docentes do Centro Cultural Arte Luta N'golo Capoeira, conforme depoimentos de aqueles envolvidos no presente projeto de pesquisa-intervenção. A filosofia do grupo visa desconstruir tais preconceitos para, na sequência, construir um ambiente de convívio cidadão e democrático, aberto a todos os que quiserem participar, sem fazer diferenças por questão de nacionalidade, cor da pele, crenças ou qualquer outro motivo. Essa postura está na origem da oferta pública, aberta e gratuita de treinos de capoeira na forma de Centro de Iniciação Desportiva (C.I.D.) em uma escola pública de Brasília, posteriormente oferecidos por meio de uma entidade sem fins lucrativos juridicamente constituída.

A crescente formalização da capoeira é um processo contemporâneo. Nesse universo, a organização, os direitos e os deveres emanam das tradições e dos costumes. De forma geral, a capoeira é livre, mas organiza-se em grupos, que definem sua hierarquia e suas regras, com especial atenção às que regem o jogo. Assim como há um direito achado na rua, há um direito achado na roda.

Com relação às tradições, um fator-chave é a ancestralidade, a memória de personagens icônicos da história da capoeira e do universo afro-brasileiro, tais como os Mestres Bimba e Pastinhaou, mais recentemente, a de figuras femininas, por exemplo Dandara dos Palmares, reivindicada sobretudo pelas mulheres. Também se produz uma identificação com lideranças vistas como defensoras dos oprimidos, especialmente aquelas focadas nos direitos da população negra, como Nelson Mandela.

Cada grupo tem, como figura central, seu Mestre – geralmente homem, pois o número de mulheres com graduações elevadas costuma ser proporcionalmente menor. Mesmo no N'golo Capoeira, que conta com ampla participação de mulheres, ainda não foi formada nenhuma Mestra.

As barreiras de gênero não são as únicas que a capoeira vai superando gradativamente. Outro grande desafio é o do etarismo, pois é comum o pensamento de que a capoeira é para atletas, não para pessoas idosas. Projetos desenvolvidos por docentes do N'golo demonstram o contrário: a capoeira pode ser praticada por pessoas de qualquer idade – com as devidas adaptações quanto às expectativas de desempenho físico, naturalmente.

A capoeira gera, ainda, intervenções sobre o meio ambiente – conceito não restrito à natureza, mas entendido como qualquer espaço no qual se desenvolvam atividades relacionadas com a prática. Ao limpar e manter organizados ambientes diversos, os capoeiristas ajudam a garantir a saúde e o bem-estar e, desse jeito, contribuem a criar cidadania planetária. Também são tomados cuidados com a indumentária, para repassar à sociedade uma imagem de cuidado e limpeza.

A escola, que já apresentou resistência extrema à capoeira, vai deixando entrar essa prática no seu espaço. Se bem que, em muitos casos, como atividade extracurricular, ou de forma indireta, como acontece em datas comemorativas, sobretudo a Semana da Consciência Negra.

Uma das maneiras de demonstrar o valor da capoeira para os centros educativos seria estudar o impacto que ela tem nas interações sociais dos alunos, por exemplo na prevenção ou resolução de situações de *bullying* ou no afastamento do envolvimento – potencial ou atual – de alguns praticantes com o mundo da delinquência, o uso de drogas e problemas associados.

A capoeira pode ser um meio para abordar as mais diversas questões sociais, tais como a importância da prevenção para a saúde – Outubro Rosa, Novembro Azul e Dezembro Vermelho, dentre outros eventos. E também pode ser uma ferramenta de inclusão, como contempla o projeto da Casa da Diversidade Esportiva e Cultural, que aguarda execução.

Como a capoeira, do jeito como é entendida no centro cultural que nos ocupa, é um âmbito de participação por excelência, o impacto de um projeto de intervenção como este que apresentamos vai ser maior na medida em que ele possa ser estendido a mais docentes e graduados do grupo. Isso permitirá ampliar as discussões, trará novas ideias e abrirá a possibilidade de que integrantes do grupo desenvolvam atividades partindo de tais debates.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Carlos Vinicius Frota de. Capoeira e memória: o culto aos ancestrais como suporte à identidade. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 11., 2011, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2011. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308316713_ARQUIVO_Capoeiraememoria-ocultoaosancestraiscomosuporteaidentidade.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2015.
- ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig; COBRA MANSA, Mestre. Elo Perdido. Seria o n'golo, jogo ritual praticado em Angola, o ancestral da nossa capoeira? **Revista de História .com.br**, Rio de Janeiro, 02 jun 2008. Edição eletrônica da Revista de História da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/elo-perdido>. Acesso em: 10 nov. 2015.
- ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. Ringue ou academia? A emergência dos estilos modernos da capoeira e seu contexto global. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, vol.21 no. 1, jan./mar. 2014, Epub 01 jan 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702014000100135&lng=pt&nrm=iso&tlng=en>. Acesso em: 11 nov. 2015.
- BARBOSA, Maria José Somerlate. A mulher na capoeira. **Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies**, Volume 9, 2005, p. 9-28.
- BOAVENTURA, Edivaldo M. Hélio Campos e a capoeira como disciplina acadêmica. In: _____. **A construção da universidade baiana: origens, missões e afrodescendência**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- BONETTI, Alinne; ABREU, Maria Aparecida (Orgs.). **Faces da desigualdade de gênero e raça no Brasil**. Brasília: Ipea, 2011. 160 p. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_facesdadesigualdade.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2015.
- BRASIL. Constituição (1988). **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Consulta em: 7 nov. 2015.
- _____. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 28 abr. 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm>. Acesso em: 2 nov. 2015.
- _____. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura AfroBrasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 3 nov. 2015.

_____. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei 9.394/96, modificada pela Lei 10.639/03, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura AfroBrasileira e Indígena". **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm>. Acesso em: 3 nov. 2015

_____. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 21 jul 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm>. Acesso em: 3 nov. 2015.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil**. Brasília: MEC/SECADI, UFSCar, 2014. 144 p. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002270/227009por.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira na escola**. Salvador: EDUFBA, 2001. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/4984/1/capoeira%20na%20escola.pdf>>. Acesso em: 7 nov. 2015.

CAPOEIRA torna-se Patrimônio Imaterial da Humanidade. **Unesco**, Brasília, 26 nov. 2014. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/single-view/news/capoeira_becomes_intangible_cultural_heritage_of_humanity/>. Acesso em: 8 nov. 2015.

CAPOEIRA vira patrimônio cultural brasileiro. G1, 15 jul 2008. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL647810-5598,00-CAPOEIRA+VIRA+PATRIMONIO+CULTURAL+BRASILEIRO.html>>. Acesso em: 8 nov. 2015.

CENTRO CULTURAL ARTE LUTA N'GOLO CAPOEIRA. Artigos. In: _____. **N'golo Capoeira**. Brasília, 2015a. Site. Disponível em: <<http://www.ngolocapoeira.org/#!artigos/c1yvix>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

CENTRO CULTURAL ARTE LUTA N'GOLO CAPOEIRA. Membros do grupo. In: _____. **N'golo Capoeira**. Brasília, 2015b. Site. Disponível em: <<http://www.ngolocapoeira.org/#!membros-do-grupo/c20t5>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

CENTRO CULTURAL ARTE LUTA N'GOLO CAPOEIRA. Sistema de graduação. In: _____. **N'golo Capoeira**. Brasília, 2015c. Site. Disponível em: <<http://www.ngolocapoeira.org/#!sobre-1/c21i2>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

CENTRO CULTURAL ARTE LUTA N'GOLO CAPOEIRA. Sobre nós. In: _____. **N'golo Capoeira**. Brasília, 2015d. Site. Disponível em: <<http://www.ngolocapoeira.org/>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

CENTRO CULTURAL ARTE LUTA N'GOLO CAPOEIRA. Trabalhos de graduação 2015. In: _____. **N'golo Capoeira**. Brasília, 2015e. Site. Disponível em: <<http://www.ngolocapoeira.org/#!trabalhos-de-graduao/cbfv>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

CURROS, Óscar. Capoeira. In: _____. **Vivendo na esportiva .com**. Brasília, 2014. Blog. Disponível em: <http://www.vivendonoesportiva.com/p/capoeira_20.html>. Acesso em: 8 nov. 2015.

_____. **Exposição África em Jahu. 31 out. – 16 nov. 2012**. Jahu, 2012. Anotações do projeto. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/oscarcurros/exposio-frica-em-jahu>>. Acesso em: 8 nov. 2015.

DÉCIMO, Tiago. Capoeira vira patrimônio cultural brasileiro. **O Estado de São Paulo**, Salvador, 16 jul. 2008. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,capoeira-vira-patrimonio-cultural-brasileiro,206716>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

DIONIZIO, Mestre. História do Grupo N'golo Capoeira. In: CENTRO CULTURAL ARTE LUTA N'GOLO CAPOEIRA. **N'golo Capoeira**. Brasília, 2015. Site. Disponível em: <<http://www.ngolocapoeira.org/#!maintenance/c66t>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Dossiê: Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil**. Brasília, 2007. 105 p. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_capoeira.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2015.

MAGENDZO, Abraham; JOFRÉ, María Isabel Toledo. Educación en derechos humanos: Estrategia pedagógica-didáctica centrada en la controversia. **Revista Electrónica Educare**, Vol. 19 (3) set./dec., 2015, p. 1-16. Disponível em: <<http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/EDUCARE/article/view/6864/7036>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

MAGENDZO, Abraham. **Pensamiento e ideas-fuerza de la educación en derechos humanos en Iberoamérica**. Santiago de Chile: UNESCO / OIE / SM, 2009, 371 p. Disponível em: <<http://unescopaz.uprrp.edu/documentos/ideasfuerza.pdf>>. Consulta em: 3 nov. 2015.

NÓBREGA, Saulo de Tarso Gambarra da. **Capoeira e direitos humanos: olhares, vozes, diálogos**. João Pessoa, PB. 2010. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 157 p. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/handle/tede/4436>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

OLIVIERI, Antonio Carlos. Escravidão ontem e hoje: Trabalho compulsório ainda existe no Brasil. **Uol Educação**, São Paulo, 10 nov. 2005a. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/escravidao-ontem-e-hoje-trabalho-compulsorio-ainda-existe-no-brasil.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

OLIVIERI, Antonio Carlos. Lei Áurea: Princesa Isabel sancionou a lei que pôs fim à escravidão. **Uol Educação**, São Paulo, 17 nov. 2005b. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/lei-aurea-princesa-isabel-sancionou-a-lei-que-pos-fim-a-escravidao.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

PEDUZZI, Pedro. Em 20 anos, 50 mil trabalhadores foram resgatados de trabalho escravo no Brasil. **Agência Brasil**, Brasília, 13 mai. 2015. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-05/em-20-anos-50-mil-trabalhadores-foram-resgatados-de-trabalho>>. Acesso em: 1 nov. 2015.

RODA de Capoeira recebe título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. **Notícias do Ministério de Cultura**, 26 nov 2014. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xlR9iTn/content/id/1230742>. Acesso em: 11 nov. 2015.

ZANETI, Izabel B.B. Educação ambiental e concepção de gestão ambiental: mudanças de paradigma, hábitos e atitudes. **Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural**. Brasília: Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, 2014.

ZULU, Mestre. **Idiopráxis de capoeira**. Brasília, 1995a. Disponível em: <<http://www.mestrezulu.com/#!idiopraxis/c1dcx>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

ZULU, Mestre. Ideário Arte-Luta. In: _____. **Mestre Zulu**. Brasília: 1995b. Site. Disponível em: <<http://www.mestrezulu.com/#!lideriario-arte-luta/cjqz>>. Acesso em: 10 nov. 2015

APÊNDICE

Roteiro para o grupo focal

1. O Mestre Zulu, em seu site, apresenta o seguinte extrato do Livro Idiopráxis de Capoeira, publicado em 1995, que diz o seguinte:

A capoeira tem seu curso histórico marcado por racismo, discriminações, preconceitos, estereótipos e perseguições sem par. Por outro lado, essa manifestação é fortalecida por uma experiência motriz, uma educação motriz, e uma cultura motriz decorrentes de matrizes africanas e afro-brasileiras e também pelo ecletismo do imaginário, exercitado diuturnamente como instrumento de resistência cultural. (ZULU, 1995)

1.1. O racismo, a discriminação e o preconceito estão presentes na capoeira hoje? Como?

1.2. Como são trabalhadas as matrizes africana e afro-brasileira no N'golo?

1.3. Estão de acordo com a afirmação do Mestre Zulu, de que a capoeira é um instrumento de resistência cultural?

1.4. O Mestre Zulu fez uma apresentação de capoeira com ocasião da visita do ex-presidente da África do Sul, Nelson Mandela, ao Brasil – na qual também estava presente o então presidente brasileiro, Fernando Henrique Cardoso. Por que realizar uma apresentação?

2. Retomando a figura de Nelson Mandela, em dezembro de 2013, pouco após eu ter entrado no grupo, o N'golo Capoeira participou do Fórum Mundial dos Direitos Humanos (FMDH). Nela, era destaque uma grande foto de Mandela, que havia morrido na quinta-feira, 5 de dezembro de 2013. Na imagem, lia-se a citação “tudo parece impossível até que vem alguém e o faz”. Vários integrantes do grupo tiraram fotos na frente do painel.

2.1. Podemos falar em identificação? Por que?

2.2. O que representa a figura de Mandela para a capoeira, em geral, e para o N'golo, em particular?

3. Em tempos recentes, a mulher tem sido destaque no mundo da capoeira. No caso do Grupo N'golo, um dos eventos mais destacados nesse aspecto tem sido o Outubro Rosa.
 - 3.1. O que gera a participação do N'golo Capoeira no Outubro Rosa?
 - 3.2. Quais outros eventos contam com destacada participação feminina em Brasília, aos quais acudam também integrantes do N'golo Capoeira?
 - 3.3. Em diversas ocasiões, foi afirmado que o N'golo é precursor da participação da Mulher na capoeira em Brasília. Como isso aconteceu historicamente?
4. Algumas pessoas defendem que a capoeira não tem limite de idade para ser praticada. Quais seriam os exemplos dentro do N'golo?
5. No Grupo N'golo existe uma preocupação com o cuidado e a organização. Por exemplo, com deixar o ambiente limpo após um evento ou que os integrantes do grupo recolham os instrumentos e acessórios após o treino. Por que?
6. No XX Capoesco, um docente afirmou que “a escola é onde se reproduzem todos os pré-conceitos gerados na família.”
 - 6.1. Como lidar com a resistência da escola à capoeira?
 - 6.2. Como aumentar a influência da educação por meio da capoeira na escola como um todo?
7. Em 2014, foi apresentado o projeto da Casa da Diversidade Esportiva e Cultural (Cadec).
 - 7.1. Em qual estágio se encontra esse projeto?
 - 7.2. Quais são os próximos passos para seu desenvolvimento?
 - 7.3. Quais instituições podem contribuir?
 - 7.4. Em qual medida a discussão sobre direitos humanos contribui para este projeto.
8. Quais propostas poderiam ser executadas para continuar a discussão sobre capoeira e direitos humanos no N'golo e fortalecer e ampliar a formação dos integrantes, principalmente aqueles que já são docentes?

ANEXOS

A – Termo de Aceite Institucional (Modelo)

Eu, *[nome completo do responsável pela instituição]*, com R.G. nº _____, abaixo assinado, presidente do Centro Cultural Arte Luta N'golo Capoeira, estou de acordo com a realização da pesquisa temporariamente intitulada “Percepções Sobre Educação em Direitos Humanos nos Docentes do Centro Cultural Arte Luta N'golo Capoeira”, de responsabilidade do pesquisador Óscar Curros Moure, aluno da Universidade de Brasília – UnB, Instituto de Psicologia – IP, Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED, Programa de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural, realizado sob orientação da professora doutora Maristela Rossato.

O estudo envolve a realização de um grupo focal com docentes do Centro Cultural Arte Luta N'golo Capoeira sobre o tema principal da pesquisa, em 26 de outubro de 2015, com duração aproximada de 1 hora.

Eu, *[nome completo do responsável pela instituição]*, presidente do Centro Cultural Arte Luta N'GOLO Capoeira, declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

O pesquisador garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de cópia digital do trabalho realizado, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) senhor(a).

Assinatura do responsável pela instituição

Assinatura do pesquisador

Brasília, 26 de outubro de 2015

B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor (Modelo)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Percepções sobre educação em direitos humanos nos docentes do centro cultural arte-luta n’golo capoeira”, de responsabilidade de Óscar Curros Moure, aluno do Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no Contexto da Diversidade Cultural, da Universidade de Brasília, sob orientação da Professora Doutora Maristela Rossato. O objetivo desta pesquisa é discutir as percepções sobre educação em direitos humanos dos docentes do Centro Cultural Arte Luta N’golo Capoeira. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo (a). Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de grupo focal. É para estes procedimentos que você está sendo convidado(a) a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco.

Espera-se com esta pesquisa fazer um levantamento, análise e discussão de percepções sobre direitos humanos que possa ser de utilidade para futuros projetos relacionados com esta temática a serem desenvolvidos pelo Centro Cultural Arte Luta N’golo Capoeira ou outras organizações que desejem inspirar-se nesta pesquisa.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone XX XXXX-XXXX ou pelo e-mail oscarcurros@dialogointercultural.com.

O pesquisador garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de cópia digital do trabalho realizado, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável pela pesquisa e a outra com o(a) senhor(a).

Nome, R.G. e assinatura do(a) participante

Assinatura e R.G. do pesquisador

Brasília, 26 de outubro de 2015